

M | A | R | G | S



YEDDO TITZE

MEU JARDIM
IMAGINÁRIO

YEDDO TITZE

MEU JARDIM IMAGINÁRIO

Curadoria **Paulo Gomes** e **Carolina Grippa**



Museu de Arte do Rio Grande do Sul
04.09.2021 a 28.11.2021
Porto Alegre | RS



No ano de 2019, em meio a uma crise política e econômica, a Secretaria de Estado da Cultura foi refundada com dois objetivos principais: preservar e divulgar o nosso patrimônio cultural e avançar no campo da economia da cultura.

Para esse desafio, mais do que confiança política, contamos com a garantia do direito à liberdade de expressão e escolha para definirmos o quadro técnico das instituições museais.

Tendo em vista que a gestão de um museu de arte envolve questões artísticas e curatoriais, convidamos Francisco Dalcol, doutor em Teoria, Crítica e História da Arte, para imprimir na atual Direção a preocupação com a realização de exposições acompanhadas de critérios e concepções curatoriais de excelência e que primem pela valorização da diversidade artística e cultural em suas pesquisas, ações e programas públicos.

O MARGS é o mais importante museu do Estado do Rio Grande do Sul, tanto por sua trajetória quanto pela extensão de sua coleção, com mais de 5000 obras. Com o entendimento de que um Museu se recria pela sua própria trajetória, estamos investindo, através do programa “PAC Cidades Históricas” e do programa “Avançar na Cultura”, na revitalização estrutural do museu e voltando a desenvolver uma expressiva política de veiculação do seu acervo junto à realização de programas públicos sistemáticos, não se limitando a exibir apenas as obras já conhecidas do grande público, mas aquelas ocultadas ao longo de um processo histórico agora questionado.

Sob essa perspectiva, entendemos que uma política museológica deve optar por um modelo que favoreça o acervo da instituição e o protagonismo do Museu na realização de pesquisas curatoriais, projetos expositivos e ações educativas, ao mesmo tempo acolhendo e trazendo a público projetos externos e de excelência do nosso meio cultural.

Junto a isso, o MARGS volta a implementar um programa editorial de publicações, como esta dedicada à exposição “Yeddo Titze — Meu jardim imaginário”. Assim, o Museu se prepara para sistematizar ações que possibilitem uma maior circulação e uma efetiva amostragem de seus projetos para a comunidade, afirmando-se no século 21, no que se refere a padrões museológicos nacionais e internacionais, como uma autêntica estrutura de difusão de conhecimento seriamente democrática e abrangente.

Uma estrutura que, demonstrando a relevância de seu acervo e da importância estratégica de suas ações para a comunidade artística regional, também realiza uma necessária contribuição para o maior entendimento do contexto histórico, político e social do povo brasileiro.

Beatriz Araujo

Secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul

A Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (AAMARGS) é uma entidade privada, sem fins lucrativos. Desde sua criação, em 1982, tem sido fundamental para o funcionamento do Museu, garantindo ao MARGS excelência frente às exigências museológicas e institucionais.

A missão da AAMARGS é ajudar a manter as atividades e o funcionamento do Museu ao oferecer meios de sustentabilidade à operação, à programação e à manutenção do MARGS.

Esse suporte se dá pela realização de ações e contribuição dos associados, bem como de apoiadores e incentivadores, e sobretudo pelos esforços da atuação voluntária da Diretoria da Associação.

Entre as ações realizadas, as principais são a gestão do Plano Anual do MARGS e a busca por patrocinadores, segundo mecanismos de fomento e financiamento como editais e leis de incentivo.

Nesse sentido, a AAMARGS tem sido de fundamental importância para a atuação e o desenvolvimento do Museu, contribuindo de maneira especial não só na sua sustentabilidade como também no seu crescimento e qualificação.

Assim, os passos da AAMARGS acompanham a história do Museu, fazendo-se presente em todos os momentos desde a sua fundação até os dias atuais.

Diretoria da AAMARGS

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) é uma instituição museológica voltada à história da arte e à memória artística, assim como às manifestações, linguagens, investigações e produções em artes visuais.

Sua principal finalidade é colecionar, documentar, conservar, restaurar, estudar e exibir os seus Acervos Artístico e Documental; a fim de desenvolver exposições e atividades que proporcionem aos públicos experiências enriquecedoras, transformadoras, inclusivas e acolhedoras.

Nesta gestão do MARGS, investimos em uma política curatorial e educacional a par de discussões e problemáticas prementes a serem enfrentadas de maneira (auto)crítica pelas instituições museológicas e artísticas, sobretudo por aquelas que se orientam pela busca de relevância e atualidade.

Nesse empenho, assumimos como compromisso fundamental a defesa de premissas democráticas e de valores cidadãos, como inclusão, diversidade, pluralidade e representatividade; por meio de ações e estratégias envolvendo o programa artístico, as políticas de exibição e aquisição, a ação educativa e a gestão museológica.

Sendo o museu uma instância voltada à pesquisa, ao estudo, à reflexão e à produção de conhecimento e experiências avançadas e aprofundadas em arte, ao assumirmos a Direção do MARGS em 2019 implementamos uma linha de atuação institucional que confere protagonismo a projetos curatoriais e expositivos de execução própria pelo museu, os quais são propostos, concebidos e desenvolvidos pelo diretor-curador e suas equipes, colaboradores, profissionais envolvidos e instituições parceiras; entre mostras individuais e coletivas, com obras tanto de seus acervos artístico e documental como de outras coleções e procedências.

É dessa orientação que resultam projetos como “Yeddo Titze — Meu jardim imaginário”, a exposição que o MARGS apresenta em 2021, em homenagem à despedida e passagem do grande artista, trazendo a público um recorte significativo e representativo de suas obras que integram o Acervo Artístico da instituição e pertencentes a outras coleções.

Este catálogo dedicado à mostra se integra ao programa editorial de publicações relacionadas aos projetos curatoriais e expositivos apresentados pelo MARGS.

A intenção é documentar e difundir a exposição, privilegiando assim a circunstância de apresentação e de encontro com as obras e os trabalhos de arte. Nesse sentido, os catálogos trazem não apenas os textos e as obras da exposição, como a fortuna visual composta pelos registros fotográficos que documentam as configurações do espaço expositivo, os quais são indicativos das opções curatoriais e da experiência advinda dos agrupamentos e das relações estabelecidas entre as obras.

A organização deste catálogo se orienta pela forma como a exposição se estruturou. Quanto às obras e documentos reunidos, seguimos um dos objetivos do programa editorial, que é o de registrar e documentar as exposições, e também ampliá-las em conteúdo. Assim, destacamos os itens dos Acervos Artístico e Documental do MARGS, com a intenção de conferir maior visibilidade e legibilidade a partir de sua veiculação por meio de publicações. Além disso, estão reunidas as obras de Yeddo Titze pertencentes aos demais acervos públicos que participaram do projeto – Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da UFRGS e Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre –, incluindo peças que não foram exibidas na mostra. Assim, são apresentadas todas as obras que ingressaram nestas coleções no âmbito do conjunto de doações destinadas pela família do artista a partir de seu espólio.

Interesse privilegiado da chamada História das Exposições, um campo de conhecimento relativamente recente que se volta à circunstância pública de apresentação da arte e de contato entre obra e público, os catálogos relacionados às exposições são fundamentais para a constituição da memória dos eventos artísticos, participando da construção dos discursos e das narrativas artísticas, assim como dos campos da teoria, da crítica e da história da arte.

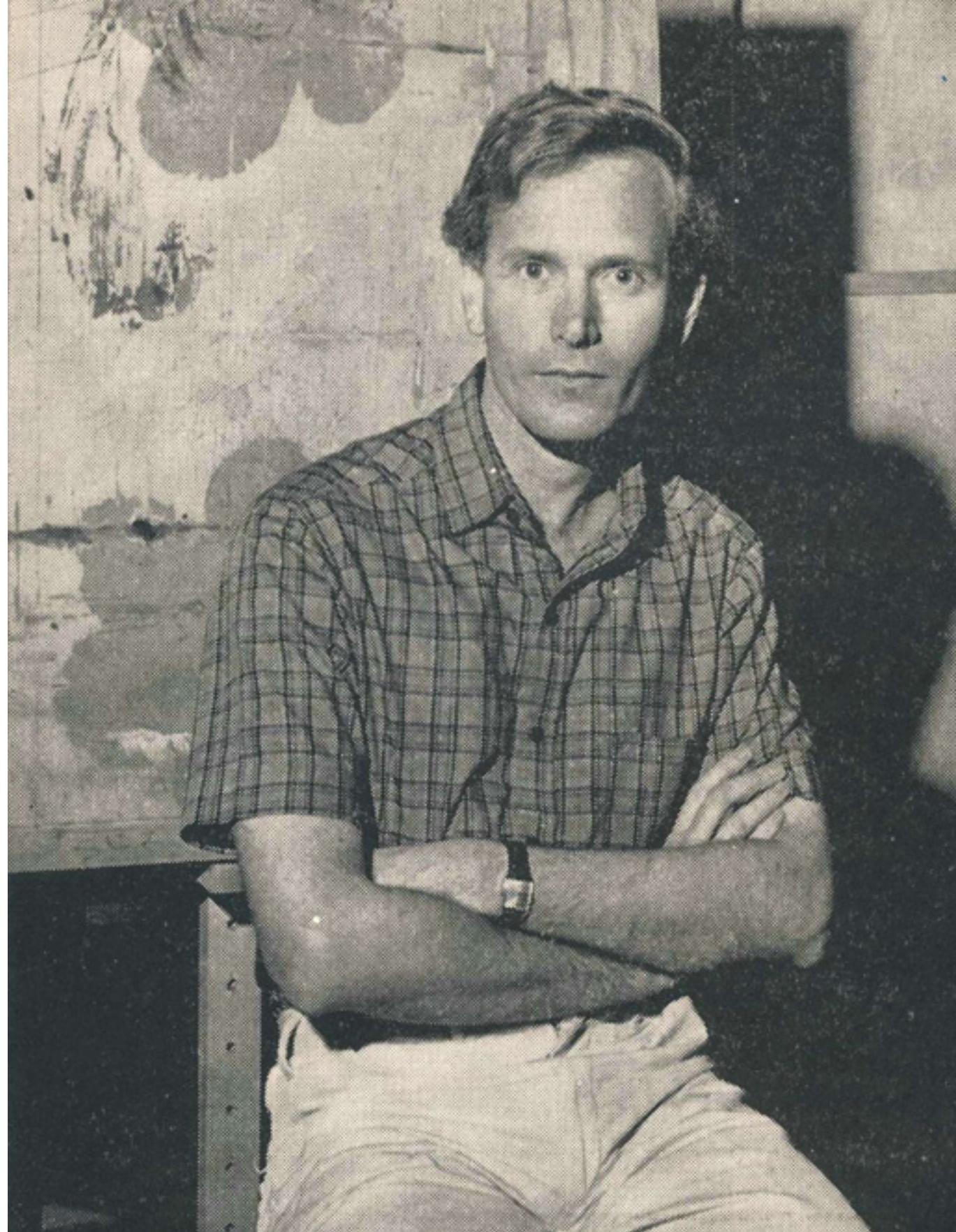
Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte

SUMÁRIO

- 10 **Em memória
a Yeddo**
FRANCISCO DALCOL
- 12 **Por uma
pedagogia
da imaginação**
ADRIANA BOFF
FLÁVIO KRAWCZYK
- 14 **Yeddo Titze:
Meu jardim
imaginário**
PAULO GOMES
CAROLINA GRIPPA
- 16 **Exposição
e acervos**
- 76 **Vivências na
natureza**
YEDDO TITZE
- 78 **Programa
Público**
- 80 **Entre telas e
tramas:
a trajetória de
Yeddo Titze**
PAULO GOMES
CAROLINA GRIPPA
- 88 **Linha do tempo**
- 92 **Seção biográfica
e documental**



EM MEMÓRIA A YEDDO

Yeddo Titze (1935 – 2016) integra uma geração de artistas responsável pela fixação e desdobramentos da arte moderna na produção sul-rio-grandense. Além de professor universitário, notabilizou-se em nossa história da arte como um dos pioneiros da tapeçaria, uma referência da arte têxtil, sendo reconhecido nacional e internacionalmente.

Mas foi também e em grande parte à pintura que Yeddo dedicou sua atuação docente e a própria produção, tendo sido um dos primeiros a explorar a abstração no Rio Grande do Sul, ao lado de artistas como Rubens Cabral, Nelson Wiegert e Carlos Petrucci. Era um passo ousado, uma vez que a introdução da pintura abstrata foi repelida pelo cenário então conservador do Estado, que se entendia resistindo à invasão de uma tendência internacional descomprometida politicamente e capaz de corromper os valores de uma arte vigente de caráter figurativo e viés nacional-regionalista.

Nascido em Santana do Livramento, Yeddo estudou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, atual Instituto de Artes da UFRGS. Assim como muitos artistas gaúchos de sua geração, viajou à Europa em temporada de estudos, tendo vivido entre 1960 e 62 na França, onde recebeu lições de André Lhote e Marcel Gromaire. No final da mesma década, voltaria a Paris, desta vez para estudar tapeçaria.

Participou de exposições e salões no Brasil e fora do país. Foi responsável pelo Setor de Artes Plásticas na Funarte em Brasília de 1976 a 1979. E depois do período de aulas na UFSM entre 1964 e 1980 — onde constituiu um ponto de referência da arte têxtil —, lecionou na UFRGS como professor de pintura entre 1980 e 1993.

Reconhecido pela importância de sua atuação e trajetória, Yeddo morreu em 2016, aos 81 anos, protagonizando um triste epítáfio.

À época atuando no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), como jornalista setorial de artes visuais, tive envolvimento profissional e mesmo pessoal com o episódio. Em 16 de junho de 2016, quase saindo da redação do jornal ao final de um dia de trabalho, recebi um telefonema (não lembro de quem, espero que esteja lendo) comentando que Yeddo estava prestes a ser enterrado como indigente. Surpreendido pelo relato e diante de um fato jornalístico a ser checado, passei a fazer ligações para apurar as informações. E o acontecimento fora trágico: depois de sofrer um atropelamento na Avenida Farrapos, Yeddo fora levado ferido ao hospital e lá ficou internado. Mas não resistiu ao coma, vindo a falecer em alguns dias. Seu corpo foi então encaminhado ao Instituto Médico Legal, onde aguardava em uma câmara fria a liberação que só poderia ocorrer por meio de familiares em primeiro grau. Yeddo não tinha filhos e vivia sozinho em Porto Alegre havia mais de 20 anos.

Com a publicação da reportagem, o assunto veio a conhecimento público e

gerou repercussão, mobilizando antigos alunos e colegas, familiares de quem havia se distanciado e o Instituto de Artes da UFRGS. E assim conseguiu-se contornar o impasse, oferecendo um funeral digno.

Em 2019, quando assumi o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) como diretor-curador, cheguei com o propósito de realizar um projeto em memória a Yeddo. Estabeleci interlocução com familiares (Rosa e Diogo Ribeiro Demartini), que manifestaram a disposição em destinar para o acervo do Museu obras que o artista havia deixado. Nessa tratativa, incentivei também que doações fossem feitas a outros acervos públicos. À época, considerava que a circunstância permitiria realizar uma exposição em homenagem póstuma a Yeddo. E é assim que o MARGS apresenta em 2021 “Yeddo Titze — Meu jardim imaginário”, que presta uma homenagem ao artista e professor, procurando oferecer um justo e necessário resgate em sua memória.

A mostra integra o programa expositivo do MARGS intitulado “Histórias ausentes”, voltado a projetos de resgate, memória e revisão histórica. Com o programa, procura-se conferir visibilidade e legibilidade a manifestações e narrativas artísticas, destacando trajetórias, atuações e produções artísticas, em especial aquelas inviabilizadas no sistema da arte e/ou pelos discursos dominantes da historiografia oficial. Assim, a presente exposição dá prosseguimento ao programa “Histórias ausentes”, que estreou com a mostra “Otacílio Camilo — Estética da rebeldia” (2019).

“Yeddo Titze — Meu jardim imaginário” traz a público obras dos acervos do MARGS, da Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre, da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da UFRGS e da coleção da família do artista, que são agora pela primeira vez reunidas e exibidas. No caso dos acervos institucionais, destaca-se um conjunto de peças adquiridas recentemente, por meio de doação da família do artista, ao qual se somam obras já anteriormente pertencentes às coleções. Assim, a exposição organizada pelos curadores convidados Paulo Gomes e Carolina Grippa apresenta mais de 40 trabalhos das décadas de 1950 a 2010, abrangendo desde o início de sua formação até os últimos anos de produção.

Essa união de esforços entre MARGS e as demais instituições e profissionais envolvidos na homenagem a Yeddo convida também a valorizarmos as políticas de aquisição de nossos acervos públicos, celebrando essa importante doação por parte da família e conferindo a oportuna e devida solenidade frente à consciência e ao gesto em nome da obra e memória do grande mestre e artista.

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte

POR UMA PEDAGOGIA DA IMAGINAÇÃO

Quando expôs na Pinacoteca Aldo Locatelli em 2007, Yeddo Titze se apresentava com elegância, postura impecável e uma suave entonação na voz. Era muito difícil não atentar para a fala do velho professor a discorrer sobre o uso de materiais vulgares, descartados e até mesmo o lixo como suporte para a pintura.

Naquela oportunidade, Yeddo expunha pinturas sobre jornais velhos. Um material de pouco valor ao qual havia sobreposto, com diversas técnicas, imagens de mais alta qualidade. Como não poderia deixar de ser, o mestre se prontificara a receber escolas que visitavam a exposição e, sempre que possível, conversava com o público e, é claro, trocava ideias com a equipe da Pinacoteca. Estava imbuído do papel de professor e neste ofício encontrava outro caminho para disseminar imagens, a fala.

Entretanto, a pedagogia de Yeddo ia muito além de sua atividade de professor, configurando-se em produto derivado da própria biografia. Os anos passaram e tornou-se avesso aos eventos sociais e ao glamour das vernissages. Recluso e voluntariamente exilado do circuito das artes, seguiu produzindo em seu pequeno apartamento na Avenida Farrapos. Até a fatalidade: com a vida tomada num trágico acidente, restou à família buscar um destino para aquele manancial de experimentos.

Como de resto ocorreu com outras instituições museológicas de Porto Alegre e Santa Maria, fomos convidados por Diogo Ribeiro Demartini, primo do artista, para selecionar obras e integrá-las à Pinacoteca Aldo Locatelli.

O movimento da família em distribuir o trabalho de Yeddo Titze entre as principais instituições museológicas do Rio Grande do Sul demonstra interesse na preservação do legado do artista, meritório sobretudo por possibilitar o acesso desse acervo às futuras gerações.

A nossa impressão imediata foi de surpresa frente à profusão de pinturas e desenhos realizados sobre papel naqueles últimos anos de vida. A maior parte elaborada em pequenas dimensões e montada pelo próprio artista em prosaicos porta-retratos ou molduras das mais simples que se podem encontrar no mercado.

A ânsia por criar imagens não sucumbiu ante às dificuldades econômicas e ao reduzido espaço de seu apartamento-atelier. Yeddo, nesta fase final da carreira, tomou como referência a temática religiosa — em especial a representação de santos católicos, anônimas figuras, paisagens urbanas e animais. Em plena contemporaneidade, quando o bombardeio de imagens digitais pré-fabricadas ameaça suplantar a criatividade humana, Yeddo seguiu pintando e desenhando expressivas e preñhes “narrativas” visuais.

Ao observar tais obras, dificilmente o espectador escapa de um processo inverso: seja por evocação de memórias, seja por imagens mentais que ao fim acabam expressas na fala – ou ainda pela escrita, mecanismos desencadeados a partir do que foi tornado visível por Yeddo. Nasceram assim, inesperada e provocativamente, mais e mais imagens, paridas por quem pôde apreciar a exposição retrospectiva realizada pelo MARGS ou por quem tiver a chance de folhear este catálogo.

A Pinacoteca Aldo Locatelli cedeu um conjunto pictórico de seu acervo para a mostra sob a convicção de que os curadores visavam não apenas trazer a público a obra, mas também o legado humanista de Yeddo Titze na forma de um “pensar por imagens”, entendido por Italo Calvino “numa possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma definida memorável, auto-suficiente, ‘icástica’”. Imagens que instauram visibilidade ao pensamento; imagens enquanto possibilidade expressiva sem amarras e enquanto direito humano universal.

Adriana Boff

Coordenadora de Artes Visuais (2017-2021), Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

Flávio Krawczyk

Diretor do Acervo Artístico, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Porto Alegre

Citação:

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o novo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 108.

YEDDO TITZE

MEU JARDIM IMAGINÁRIO

Quando acordo pela manhã, abro minha janela e através de uma leve cortina vejo o meu jardim imaginário. Ele está bem próximo de mim, oferecendo-me suas folhas e flores, que pelo visto tentam dialogar comigo, transmitindo-me uma mensagem.

Yeddo Titze, março 2004

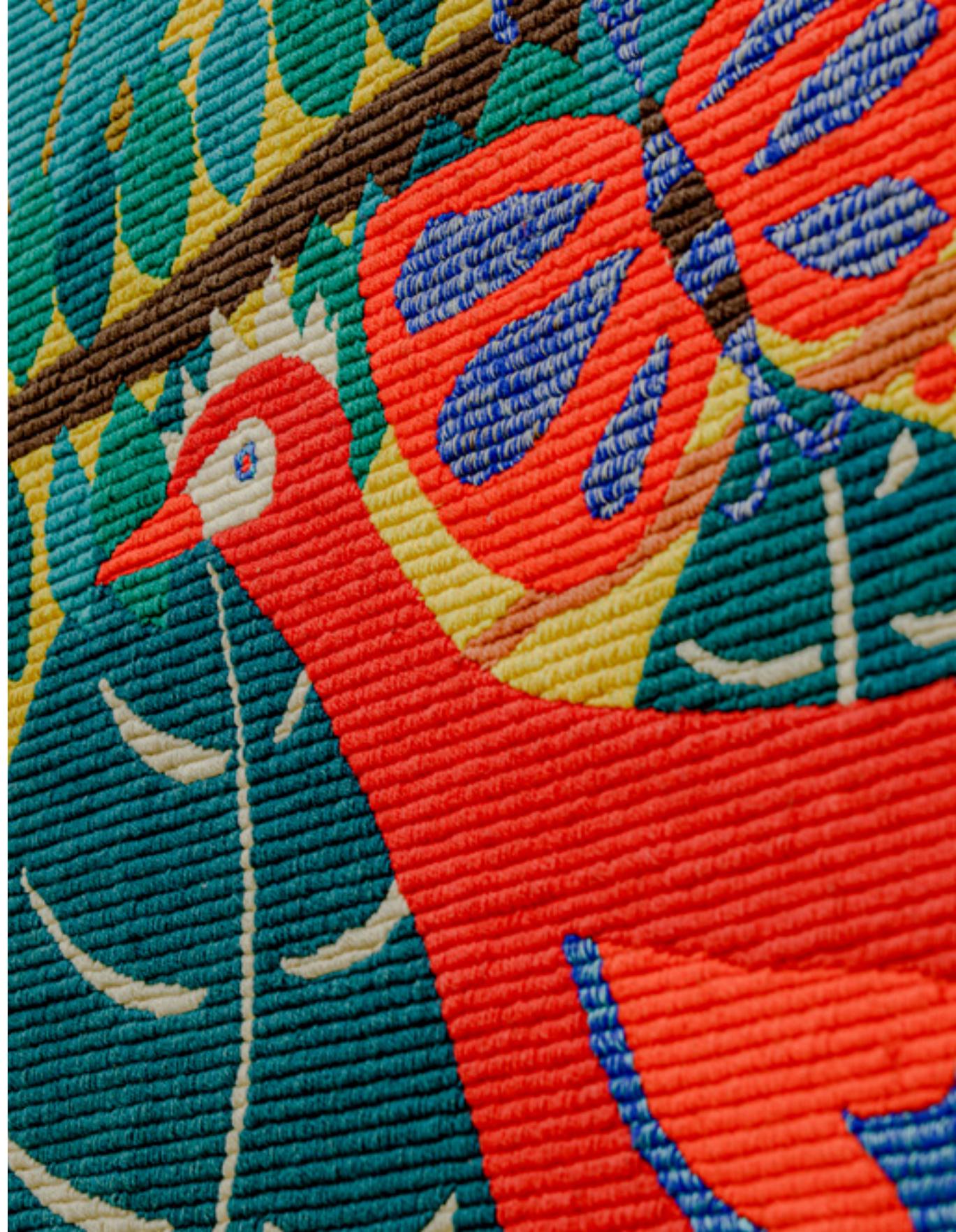
Yeddo Titze (1935 – 2016) é um nome que, quando citado, lembra antes a sua atuação como professor na UFSM e na UFRGS. Em Santa Maria, instalou o primeiro curso de tapeçaria em uma universidade federal, divulgando o suporte têxtil em toda sua potencialidade artística; e, em Porto Alegre, dedicou-se ao ensino da pintura. Mas e o artista?

Esta exposição, inserida no programa “Histórias ausentes” do MARGS, tem como objetivo destacar o Yeddo artista, mostrando um recorte de sua produção, desde a década de 1950, enquanto aluno no Instituto de Artes, até o ano de 2010, próximo ao seu falecimento.

A mostra é uma ação conjunta de três instituições públicas de Porto Alegre, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (Instituto de Artes, UFRGS) e a Pinacoteca Aldo Locatelli (Prefeitura de Porto Alegre), que já possuíam obras do artista, mas que receberam recentemente importantes doações de trabalhos e documentos.

As flores, as paisagens e as cores são elementos distintivos na produção de Yeddo Titze, que perpassam as diversas técnicas e os gêneros que ele praticou. A maioria dos trabalhos, agora expostos, nunca foi vista pelo público, sendo este um gesto de reconhecimento da importância do artista para a arte sul-rio-grandense e um convite à aproximação entre os seus públicos e a sua poética.

Paulo Gomes e Carolina Grippa
Curadores da exposição



EXPOSIÇÃO E ACERVOS

GALERIA IBERÊ CAMARGO



YEDDO
TITZE
MEU TARDIUM
IMAGINÁRIO

YEDDO TITZE
MEU TARDIUM
IMAGINÁRIO

YEDDO TITZE
MEU TARDIUM
IMAGINÁRIO













2.29



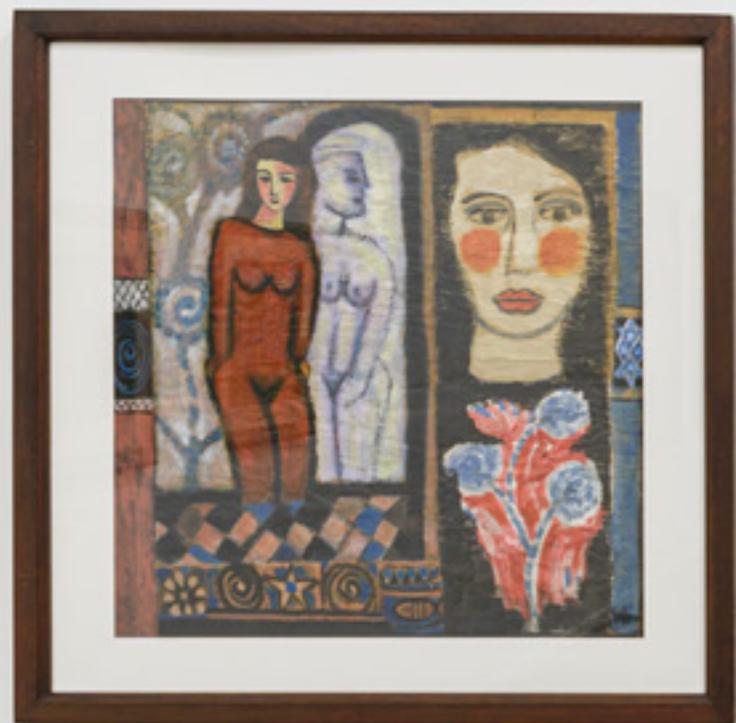


Small white label with illegible text.



Small white label with illegible text.

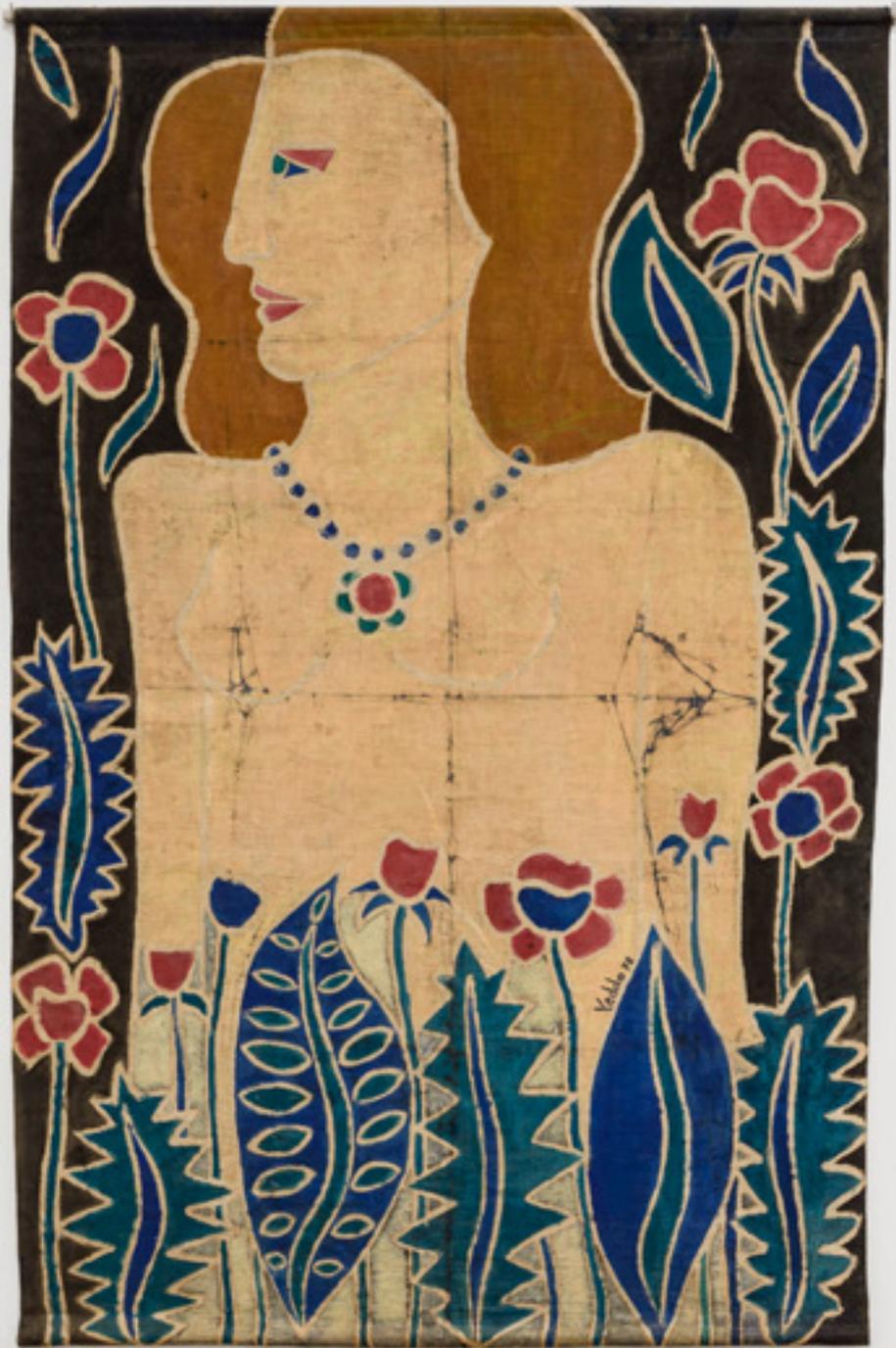






Informational text label on the left wall, partially obscured.



























ACERVO MARGS



Alvorada, 1976
Tear manual de baixo liço com
fios de lã e tecidos rasgados
220 x 100 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, s.d.



Sem título, 1950
Óleo sobre cartão
29,2 x 23,5 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação de Rosa Maria Ribeiro
Demartini e Diogo Demartini, 2019



Diuturno, 2003
Guache sobre papel
95 x 65 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2004



Sem título, 1974
Tapeçaria
190 x 146 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação de Rosa Maria Ribeiro
Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 1973
Tapeçaria
207 x 145 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação de Rosa Maria Ribeiro
Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 1977
Tapeçaria
135 x 196 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação de Rosa Maria Ribeiro
Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 1973
Tapeçaria
90 x 142 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019



Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019

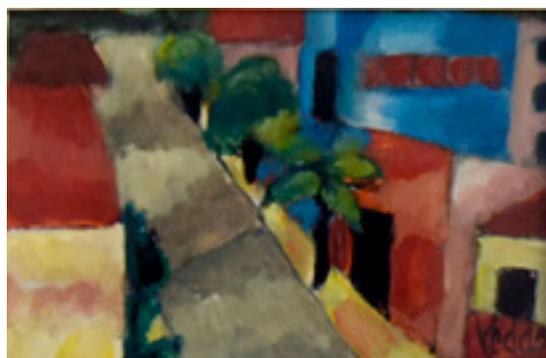


Sem título, 2010
Acrílica sobre papel
96 x 62 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2019

ACERVO PINACOTECA ALDO LOCATELLI



Sem título, s.d.
Tinta acrílica sobre papel
34,5 x 40 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



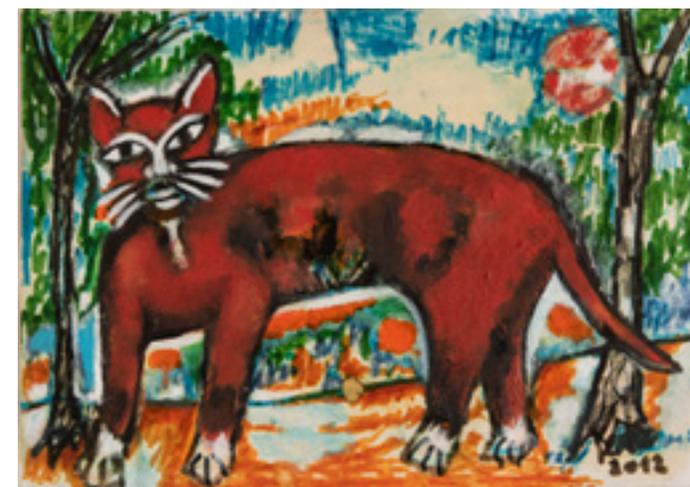
Sem título, s.d.
Tinta acrílica sobre papel
10,5 x 14,7 cm (suporte/papel)
34,5 x 40 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, s.d.
Tinta acrílica sobre papel
34,5 x 40 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, 1997
Tinta acrílica sobre papel
21 x 28,5 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, 2012
Guache e hidrocor sobre cartão montada
em porta-retrato
15 x 21 cm (suporte/papel)
18 x 23,8 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



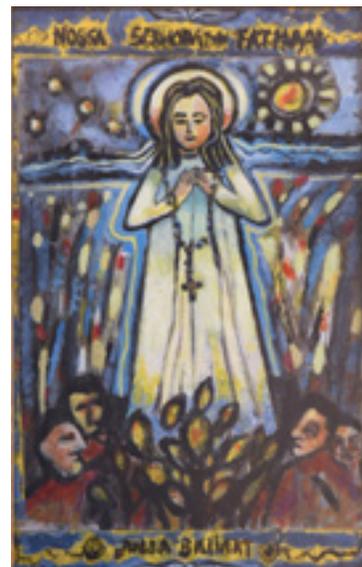
Sem título, 2004
Tinta acrílica sobre papel
16,2 x 20,8 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria
Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



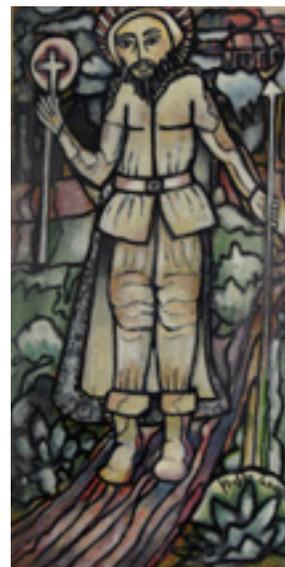
Sem título, s.d.
Grafite, guache, hidrocor e colagem sobre papel
29,5 x 20,3 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, s.d.
Aquarela e hidrocor sobre papel
33,6 x 14,6 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Nossa Senhora de Fátima / Julia Billiart, s.d.
Tinta acrílica e colagem sobre papel
36,5 x 24,9 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



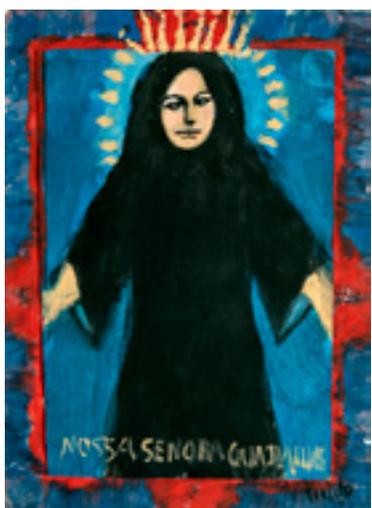
Santo Inácio de Loyola, 2008
Guache e hidrocor sobre papelão
43 x 23,5 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



São Francisco de Assis, s.d.
Tinta acrílica sobre papel
50 x 14,3 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Santa Catarina de Sena, s.d.
Tinta acrílica, guache, nanquim e caneta esferográfica sobre papel montada em porta-retrato com acetato à frente
31,5 x 20,3 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



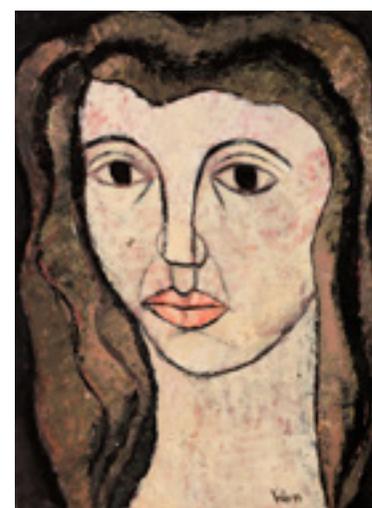
Nossa Senhora de Guadalupe, s.d.
Tinta acrílica e colagem sobre papel
17,8 x 12,9 cm (suporte/papel)
21 x 16,1 cm (montada no porta-retrato)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



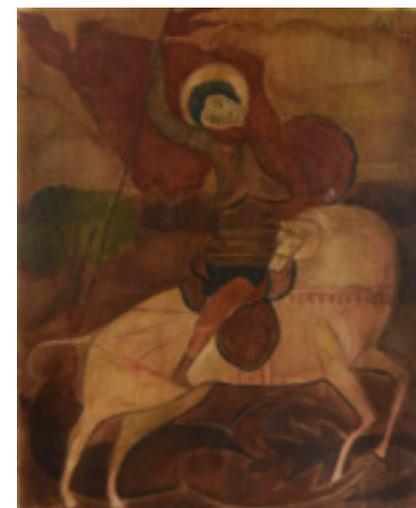
São Jorge, 2000
Tinta acrílica sobre madeira
33,5 x 24,2 cm (com moldura)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



São Bento, 2013
Guache e hidrocor sobre papel
18 x 13 cm (suporte/papel)
21,7 x 16,6 cm (montada no porta-retrato)
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, 1999
Acrílica sobre papel
65,7 x 47,8 cm
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Renato Rosa, 2011



Sem título, 1978
Óleo sobre tela
50 x 40 cm
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, 2005
Tinta acrílica sobre papel
57,5 x 47,5 cm
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,
aquisição por doação de Rosa Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021

ACERVO PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO



Sem título, 1961
Óleo sobre tela
67,5 x 94 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre



Sem título, 1962
Óleo sobre papel
50 x 70 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre



Sem título, 1961
Técnica mista sobre cartão
72,7 x 92 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre



Sem título, 1961
Óleo sobre tela
90,5 x 140 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre



Sem título, 1978
Batique
145 x 92,5 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Madona, 1959
Óleo sobre tela
81,5 x 61,5 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021

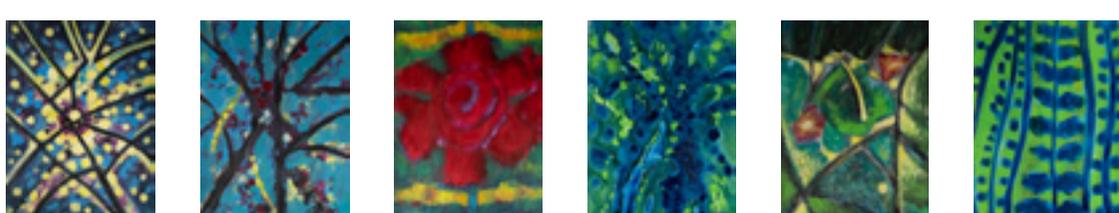
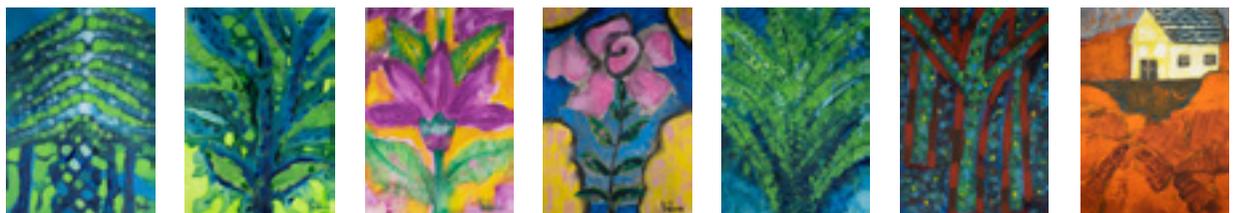
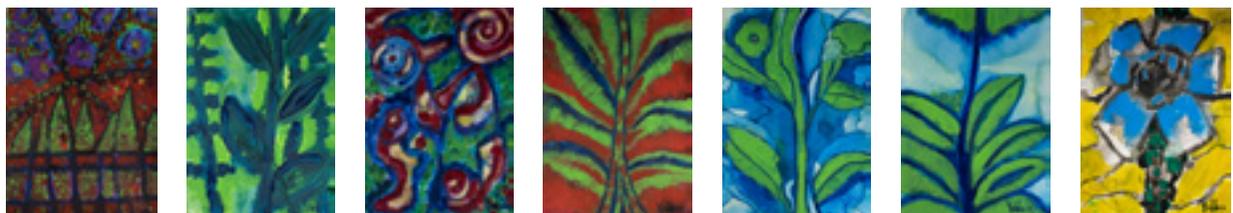
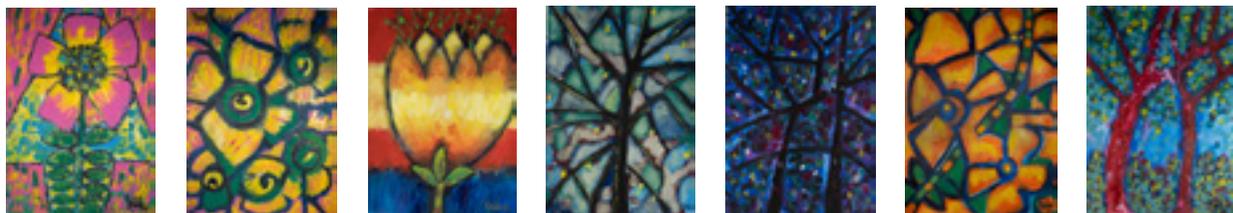


Sem título, s.d. (c. décadas 1970/1980)
Acrílica sobre papel
67,5 x 66cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021



Sem título, 1978
Batique
85 x 41 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e Diogo Demartini, 2021

ESPÓLIO DA FAMÍLIA



Série "Jardim imaginário II", 2009
 Guache e acrílica sobre papel
 30 x 21 cm
 Espólio do artista

Observação: do espólio do artista sob guarda da família, estão reunidas nestas duas páginas apenas as obras que participaram da exposição

VIVÊNCIAS DA NATUREZA

Quando acordo pela manhã, abro minha janela e, através de uma leve cortina, vejo meu jardim imaginário. Ele está bem próximo de mim, oferecendo-me suas folhas e flores, que pelo visto tentam dialogar comigo, transmitindo-me uma mensagem.

Não é fácil, pois o que elas têm a dizer é passarem-me um segredo; fico atento e à espreita, para ver se consigo captar o mesmo.

Creio mesmo que é apenas a transmissão da forma e da cor, e isto o fazem para impulsionar minha vida na procura de uma maneira de expressão, cada vez mais próxima de suas oferendas.

É um campo imenso florido, desde as mais aparentes até as mais distantes, que se perdem no olhar do horizonte, porém com aquele encanto que somente elas têm.

A minha trajetória por esses caminhos é uma busca incessante que desdobra-se com o que vejo e imagino, é como um jogo. Ou ganho quando consigo captar algo, ou perco quando elas superam tudo o que minha imaginação conseguiu alcançar.

Hino à vida que me proporciona a inspiração junto à natureza e nada me exige, acrescentando-me, porém, o encanto de mais um dia de minha vida.

Yeddo Titze

Porto Alegre, março de 2004



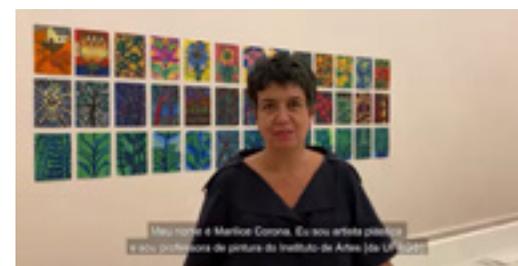
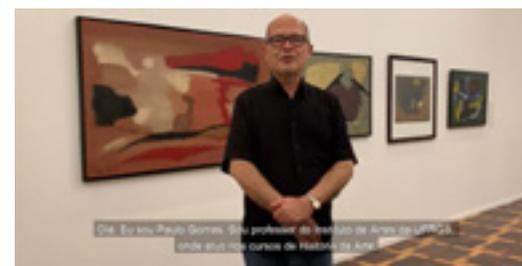
PROGRAMA PÚBLICO

O Programa Público da exposição “Yeddo Titze — Meu jardim imaginário” contou com duas oficinas e uma série de quatro depoimentos em vídeo sobre a vida e obra do artista.

A primeira oficina foi disponibilizada a partir de um tutorial em vídeo nas redes sociais do MARGS no dia 12 de outubro de 2021, em diálogo com a programação elaborada para o Dia das Crianças pelo Museu. Na proposição, a educadora Daniele Barbosa, então integrante do Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGS, abordou a estamperia de tecidos como conteúdo prático – esta técnica foi abordada por Titze em sua prática pedagógica e artística.

A segunda oficina, realizada presencialmente no MARGS no dia 27 de novembro de 2021, propiciou um contato introdutório à técnica da tecelagem, inspirando-se nas tapeçarias presentes na mostra. Carolina Grippa, curadora da exposição, conduziu a atividade a partir de teares simples produzidos pela equipe educativa do Museu.

A série de depoimentos, por sua vez, foi disponibilizada nas redes sociais e no perfil do YouTube do Museu e contou com breves relatos de Paulo Gomes e Carolina Grippa, curadores da exposição, assim como de Luiza Tomazetti e Marilice Corona, ex-alunas de Yeddo Titze.



ENTRE TELAS E TRAMAS: A TRAJETÓRIA DE YEDDO TITZE

Paulo Gomes

Historiador, crítico de arte e professor na UFRGS

Carolina Grippa

Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS)
Produtora cultural, curadora independente e pesquisadora

Emil Cioran escreveu que “Uma vez que o homem se mantém em contato com suas origens e não se dissocia de si próprio, ele resiste à decadência”. Essa afirmação é a perfeita explicação para a longevidade criadora de Yeddo Titze, um artista para quem as permanências foram fundamentais.

Yeddo Nogueira Titze nasceu em 10 de janeiro de 1935, em Santana do Livramento (RS), filho de Roberto Titze e de Desideria Nogueira Titze. Em 1955, já em Porto Alegre, matriculou-se no Curso de Artes Plásticas, no Instituto de Belas Artes, diplomando-se em 1960. Foi aluno, dentre outros, de Ado Malagoli (1906-1994), Christina Balbão (1917-2017), Aldo Locatelli (1915-1962) e João Fahrion (1898-1970).

Voltado para a pintura, sua área de formação acadêmica, criou o Grupo Triângulo com os colegas Suzana Mentz (1939) e Pirajá Cannes (?). Importante na sua formação foi a exposição de tapeçarias de Genaro de Carvalho (1926-1971) no MARGS, em 1959, quando “convenceu-se de que tinha muito de si para dizer com esta linguagem” (CÁURIO, 1985, p. 132).

Recém-formado, Titze realizou a sua primeira exposição individual na Galeria da Aliança Francesa, que lhe concedeu uma bolsa de estudos em Paris, onde permaneceu de 1960 a 1961 (YEDDO..., 1960). Na França, teve aulas no ateliê de André Lhote (1885-1962) e frequentou a École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs¹, onde foi aluno de Marcel Gromaire (1892-1971), artista que, além da pintura, dedicou-se ao desenho, à gravura e também realizou algumas tapeçarias. Após sua estada em Paris, foi para Florença, onde estudou na Academia de Belas Artes (GORINI, 2019).

1. Fundada em 1766 pelo rei Luis XV, tinha como principal objetivo o ensino de artes decorativas. A instituição existe até hoje.

Da sua temporada na Europa, destacamos a sua passagem, mesmo que breve, pela abstração, colocando-o num lugar de destaque no estado. Suas pinturas abstratas, premiadas e reconhecidas, foram todas praticamente produzidas na Europa. Afirmamos isso pois não conhecemos muitos outros exemplares dessa produção, senão as quatro excelentes telas pertencentes à Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS).

Nessa época, a pintura abstrata informal estava dando os seus primeiros passos entre nós, visto seus poucos praticantes e sua reduzida visibilidade. Ado Malagoli pintava e expunha abstrações, mesmo que por um breve período, mas a repercussão de sua obra se deu antes, fora das fronteiras do Rio Grande do Sul, haja visto sua premiação em Minas Gerais em duas ocasiões. Entretanto, a mais duradoura e inequívoca ação de Malagoli foi no magistério e na legitimação da pintura abstrata no Estado do RS, visto a plêiade de pintores que ele formou no Instituto de Artes nos anos 1960. Importante ainda citar Iberê Camargo (1914-1994), cuja abstração, fortemente marcada pela matriz estruturante dos carretéis, receberá seu reconhecimento nacional em 1961, na VI Bienal de São Paulo. Ao contrário de Camargo, e do mesmo modo que Malagoli, Titze faz abstração pura, não referencial, fundada na livre expressão de seu eu lírico. Suas telas do período, a par da excelência formal, agregam pesquisas de materiais e investigação cromática de grande relevância. Mas ele abandona rapidamente essa prática.

Ao retornar ao Brasil, Titze ganhou o prêmio em pintura no Salão de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes (1962) e, em seguida, é contratado como professor na Faculdade de Belas Artes² da recém-criada Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Um dos primeiros professores do curso, ele foi o responsável por implementar a disciplina de arte decorativa, baseando-se nas experiências adquiridas no Instituto de Belas Artes e na École de Paris (BISOGNIN; FOLETTTO, 2001; GORINI, 2019). Na UFSM, em 1966, promove uma das primeiras exposições de alunos da instituição. A arte têxtil ganharia ainda mais destaque e força na instituição com a chegada dos professores Luiz Gonzaga Mello Gomes (1940), Berenice Gorini (1941) e Ivandira Dotto (1941-?), que, juntamente com Titze, formariam o Núcleo de Tapeçaria para divulgar algumas técnicas têxteis no Estado do RS e no país.



Sem título, 1961
Técnica mista sobre cartão
72,7 x 92 cm
Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

2. Embrião do atual Centro de Artes e Letras (CAL) da UFSM.



Exposição de tapeçarias na Faculdade de Belas Artes, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 1966, Arquivo Fotográfico UFSM

Em 1968, Titze recebeu um convite, do governo francês, para estagiar na *École des Arts Décoratifs*, de Aubusson. Passa os anos de 1968 e 1969 na cidade, onde executa, a pedido do governo da França, uma tapeçaria para o acervo do Museu de Tapeçaria de Aubusson. Foi uma estadia de extrema importância, pois Aubusson é um centro tapeceiro francês de grande tradição e credibilidade. Ao voltar, Titze divulga as duas novas técnicas de tapeçaria aprendidas na cidade: a de recorte³ e a tecida. Nas tapeçarias tecidas, ou produzidas no tear, incorporará o volume para suas obras, a partir de retalhos de tecidos e barbantes coloridos, sendo a tapeçaria “Alvorada” (1976), pertencente ao acervo do MARGS, exemplo dessa técnica.

É também nesse momento que as flores, as referências paisagísticas e as cores intensas se tornam os elementos distintivos e permanentes da sua poética. Suas tapeçarias tiveram, a par da aceitação incondicional do público, uma repercussão crítica fenomenal. O pleno domínio das técnicas de produção, o conhecimento histórico e a disposição militante de divulgar e ensinar a fazer tapeçarias pelo país afora dão a Titze um lugar de destaque no panteão nacional dos tapeceiros. Na sequência da liberdade absoluta das suas pinturas, o artista envereda por um universo requintado de formas esquemáticas e cores intensas, avançando para além da figuração, de forte tradição na área, e incorporando pesquisas de materiais e recursos que ombream com os avanços de sua pintura abstrata.



“Alvorada”, 1976
Tear manual de baixo liço com fios de lã e tecidos rasgados
220 x 100 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, s.d.

3. Tapeçaria de recorte é uma técnica com a qual, a partir de retalhos de tecido, se constroem formas que serão costuradas em uma base, criando-se o trabalho.

Sua atuação na difusão e no ensino da tapeçaria demonstra sua vocação para a multiplicação de saberes, tanto do ponto de vista do ensino propriamente dito, quanto da gestão cultural, que ele exerceu junto à Funarte, em Brasília, nos anos 1970. Essa maneira de trabalhar será constante nessa mesma década, e foi com esse método que Yeddo participou da maioria das mostras de tapeçaria do período, como o *Primer Encuentro de Tapicería Uruguayo-Brasileño* (1975), o *Primer Encuentro Argentino-Brasileño-Uruguai del Tapiz* (1977), o *Caminhos da tapeçaria brasileira* (1978), a 1ª *Mostra da tapeçaria* (1974) e a *I Trienal de Tapeçaria* (1976).

Na sequência da carreira de Titze, um ponto de inflexão foi a produção e a difusão do batique⁴. Técnica relegada às manifestações artesanais, nas suas mãos ela alcançará um estatuto de arte autônoma. Em entrevista para o jornal *Correio Braziliense* (1976), Yeddo Titze relatou como descobriu a técnica:

O caso é o seguinte. Eu sempre me interessei por estamparia. Isso desde menino. Gostava de ver os panos coloridos, com seus desenhos, sentir a sua textura etc. E, então, quando acabei Belas Artes aqui no Brasil, fui para a França, isso era 1960. Aqui, eu só tinha estudado pintura e escultura, coisas bem tradicionais. Na minha escola em Paris, também não havia batique. Mas eu gostava de andar pela cidade. E nessa época, o oriental ainda não estava em moda, de maneira que as lojinhas orientais eram meio escondidas, mas eu visitei muitas delas, e lá via batiques indianos. E me interessei imediatamente. Procurei saber como aquilo era feito. Mas ninguém sabia muito bem. E eu comecei a fazer experimentações sozinho. Tentei, tentei e no fim acabei acertando (TITZE apud VIEIRA, 1976, p. 5).

A ampla divulgação da técnica se deu em exposições individuais e com os colegas Luiz Gonzaga, Berenice Gorini e Ivandira Dotto, todos professores da UFSM. Além das exposições e do ensino da técnica na universidade, o batique terá uma expressiva repercussão crítica, principalmente pelos textos de Carlos Scarinci, para catálogos e jornal, mas também por meio de textos do próprio artista. Se tecnicamente não há arrojões, como os da tapeçaria, há entretanto um aporte expressivo de imagens femininas e elementos decorativos (flores, guirlandas etc.) e, mais importante, um alinhamento com o imaginário da época, com resquícios da cultura hippie, das questões da natureza, um imaginário fortemente influenciado pela contracultura.



Sem título, 1978
Batique
145 x 92,5 cm
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes, UFRGS, aquisição por doação da família

4. Técnica artesanal de tingimento originária da ilha de Java, na Indonésia. É utilizada cera quente sobre o tecido, criando-se desenhos e padrões para, em seguida, tingi-lo.

Até o momento, detemos-nos em aspectos pontuais da produção do artista, com a pintura, a tapeçaria e o batikue, mas é necessário relevar aqui a continuidade das suas pesquisas formais. Observemos o seu currículo, que acompanha pontualmente toda a sua trajetória e tempo de vida. É um fluxo ininterrupto, intenso e coerente de exposições que se desenvolve ao longo dos anos, pontuando e mapeando a trajetória da sua criação artística. Durante a exposição “Yeddo Titze – Meu jardim imaginário”, pudemos observar a integridade de seu pensamento plástico, seja nas formas recorrentes, como das figuras femininas, seja no apreço pelos elementos decorativos, presentes nas tapeçarias, nos batikues, nas pinturas e nos desenhos; ou ainda o bom uso das cores, geralmente intensas e puras, que pontuam toda a sua carreira, além da fidelidade (com exceção da fase abstrata) ao desenho, que o acompanhará até o final da vida.

A observação também nos revela que questões, e recursos pictóricos, presentes nas pinturas abstratas dos anos 1960 retornam nos anos finais; do mesmo modo, observa-se que a figuração sintética, oriunda do seu período de formação no Instituto de Belas Artes, é retomada mais adiante nos batikues dos anos 1970, nas pinturas dos anos 1980 e mesmo nas experiências do final da carreira; o sábio e competente uso das cores, que transita das cores misturadas, nas pinturas abstratas, para as cores puras nas tapeçarias e que retornará, potente e vibrante, nas inúmeras séries de pequenas paisagens. Se a coerência está no pensamento, as formas e as cores se manifestam livremente por diversas técnicas, suportes diversificados e múltiplos gêneros.

Após sua estada na capital do Brasil, Yeddo retornou a Santa Maria, finalizou o período de aulas e mudou-se para Porto Alegre, assumindo a disciplina de Pintura na UFRGS, onde permanece até se aposentar em 1993. Com a mudança para Porto Alegre, Yeddo dedica-se quase exclusivamente ao desenho e à pintura, expondo apenas esses suportes, mas com temas semelhantes aos realizados nos têxteis: figuras humanas, paisagens, flores e, mais para o fim da sua vida, com desenhos de cunho religioso.

Sobre o reconhecimento, notemos que em vida Yeddo Titze foi homenageado em duas grandes exposições individuais: “Vivências da natureza”, realizada no MARGS (2004), que mostrou



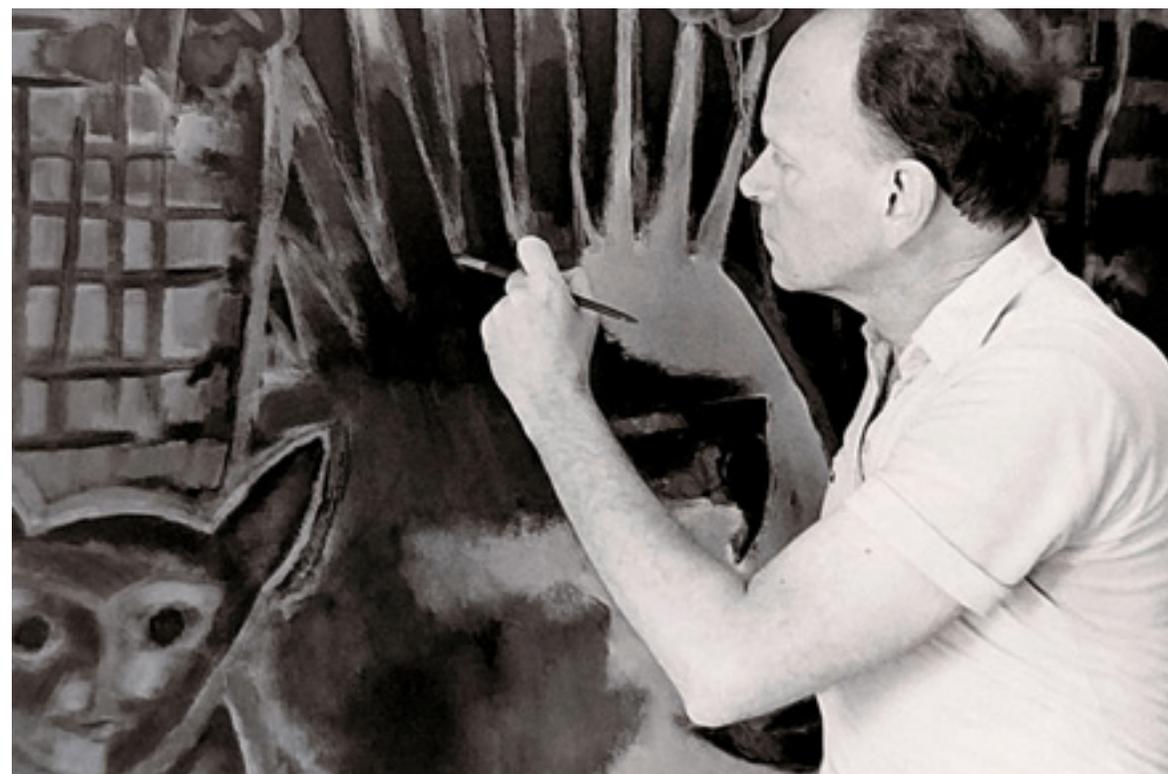
“São Jorge”, 2000
Tinta acrílica sobre madeira
33,5 x 24,2 cm (com moldura)
Pinacoteca Aldo Locatelli,
Prefeitura de Porto Alegre,
aquisição por doação de Rosa
Maria Ribeiro Demartini e
Diogo Demartini, 2021

50 pinturas em guache sobre papel, realizadas entre 2001 e 2004, com curadoria de Maria Eunice Gavioli; e em 2011, em Santa Maria, houve um ensaio de retrospectiva, curada pela artista e amiga Lia Achutti (1928-2019). A exposição mostrou diversas pinturas, desenhos e algumas tapeçarias e batikues oriundos de coleções particulares da cidade, do acervo do Museu de Arte de Santa Maria — MASM e do próprio artista. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Especial do Júri do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, concedido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre.

O artista faleceu no dia 8 de junho de 2016. Seu espólio, com uma grande quantidade de obras e documentos, ficou sob guarda da sua prima Rosa Maria Ribeiro Demartini. Cientes da responsabilidade pela difusão e conhecimento da obra de Yeddo Titze, ela e seu filho, Diogo Demartini, contataram importantes instituições do Estado – Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Pinacoteca Aldo Locatelli, Museu de Arte de Santa Maria e Universidade Federal de Santa Maria – para destinar doações. São instituições que, direta ou indiretamente, se relacionaram com a história e vida profissional do artista. No intuito de preservar sua história e obra, essas doações se somaram às obras do artista que já estavam nessas coleções, possibilitando a constituição de uma volumosa e expressiva coleção/panorama da produção e trajetória de Yeddo Titze, que contempla todos os períodos, suportes e gêneros com os quais trabalhou, permitindo ao público a fruição do imenso legado do artista.

REFERÊNCIAS

- BISOGNIN, Edir Lucia; FOLETTTO, Vani Terezinha. As artes visuais em Santa Maria: contextos e artistas. Santa Maria: Editora Pallotti, 2001.
- CÁURIO, Rita. Artêxtil no Brasil: Viagem pelo mundo da tapeçaria. Rio de Janeiro: edição do autor, 1985.
- CIORAN, Emil. Nos cumes do desespero. São Paulo: Editora Hedra, 2012.
- GORINI, Berenice. Entrevista concedida a Carolina Bouvie Grippa. Florianópolis, 9 nov. 2019. Gravação MP3 (92min 17s).
- VIEIRA, Cora Rônai. Yeddo Titze: convém não confundir arte com o que certas senhoras muito habilidosas fazem. Correio Braziliense, Brasília, p. 5, 26 set. 1976.
- YEDDO Titze na Aliança. Jornal do Dia, Porto Alegre, p. 7, 25 maio 1960.



LINHA DO TEMPO



Yeddo Titze em 1985 (*nesta página e nas anteriores*), fotografado pelo artista e professor Eduardo Vieira da Cunha

1935

Nasce em Santana do Livramento, RS.

“Santana do Livramento... Minha terra natal; foi lá que nasci, em uma casa que ficava em uma rua repleta de árvores que formavam um imenso arco de verdes exuberantes, projetando assim um infinito invisível e luminoso.”

(Yeddo Titze, manuscrito, Porto Alegre, julho de 2005, Acervo Documental MARGs)

1955

Ingressa no Instituto de Belas Artes, UFRGS, Porto Alegre, RS.

1957

Exposição de pinturas e desenhos na Biblioteca Municipal de Santo Ângelo, RS.

1958

Desfile de chapéus em Santo Ângelo, RS.

1958

XI Salão de Artes Francisco Lisboa, Porto Alegre, RS.

1959

Forma-se em Pintura no Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS.

Salão de ex-alunos do Instituto de Belas Artes. Ganha o Prêmio LEMAE.

1960

Exposição individual de pinturas na Aliança Francesa, Porto Alegre, RS.

1960-1961

Viagem de estudos a Paris. Tem aulas na École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs e no ateliê de André Lhote.

1961

“Exposition des Bousiers Etrangers de Gouvernement Français”, em Paris.

Salão de artes do Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS. Prêmio na categoria Pintura.

1963

Torna-se professor na Universidade Federal de Santa Maria, RS.

1965

Exposição individual de pinturas e colagens na Aliança Francesa, Porto Alegre, RS.

1966

Exposição de tapeçarias dos alunos da Faculdade de Belas Artes da UFSM, RS.

Exposição individual de tapeçarias na Aliança Francesa, Porto Alegre, RS.

1967

Exposição individual de tapeçarias na Piccola Galeria, Rio de Janeiro, RJ.

Exposição individual de tapeçarias na Aliança Francesa, Porto Alegre, RS.

Exposição coletiva de cartões para tapeçaria na Galeria de Arte do Instituto Brasil – Estados Unidos, Rio de Janeiro, RJ.

1968-1969

Viagem de estudos a Aubusson, França.

1969

Exposição individual do Instituto de Arquitetos do Brasil, Porto Alegre, RS.

1970

I Salão de Artes Visuais da UFRGS, Porto Alegre, RS. Ganha o Prêmio de Tapeçaria.

Exposição coletiva de batique no Salão Nobre da União dos Caixeiros Viajantes de Santa Maria, RS.

Exposição coletiva comemorativa ao 6º aniversário da Revolução de 31 de Março na Biblioteca do Clube do Comércio, Santa Maria, RS.

1971

Exposição-desfile coletiva “Batique” na Galeria Montmartre, Rio de Janeiro, RJ.

Mostra de Arte Professores e Alunos no Centro de Artes, Santa Maria, RS.

1972

Exposição coletiva de batique no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ.

1973

Muda-se para Rio de Janeiro e trabalha no Ministério da Educação.

Exposição coletiva de batique no Teatro de Câmara de Porto Alegre.

1974

“1ª Mostra de Tapeçaria Brasileira” no Museu de Arte Brasileira, Fundação Alvares Penteado, São Paulo, SP.

Exposição coletiva de tapeçarias da UFSM na Galeria da Escola de Artes da UFRGS.

1975

Primer Encuentro de Tapicería Uruguayo – Brasileño, Montevideo, Uruguai.

1975-1979

Muda-se para Brasília e trabalha na FUNARTE.

1976

Exposição individual de batique na W3, Brasília.

“I Trienal de tapeçaria” no Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP.

1977

Primer encuentro argentino-brasileño-uruguayo del tapiz no Museu de Artes Visuales, Buenos Aires, Argentina.

Curso de tapeçaria de montagem no Núcleo Ocupacional de GAMA, Brasília, DF.

Mostra coletiva dos professores do Centro de Artes da UFSM no Sete Povos Galeria de Arte.

1978

Exposição individual de batique na Galeria Funarte Sérgio Millet, Brasília, DF.

Exposição individual de batique na Eucatexpo, Brasília, DF.

“Caminhos da tapeçaria brasileira” na Galeria Funarte, Rio de Janeiro, RJ.

1979

Exposição individual sobre paisagens de Camobi na Sala de Exposições da UFSM, Santa Maria, RS.

Exposição coletiva dos professores do Centro de Artes e Letras da UFSM na inauguração da Sala de Exposições da Sociedade Artística Santa-Mariense, Santa Maria, RS.

Mostra coletiva dos professores na Sala de Exposições da UFSM, Santa Maria, RS.

1980-1993

Atua como professor de Pintura na UFRGS.

1980

Exposição individual de guaches na Galeria Oswaldo Goeldi, Brasília, DF.

1981

20 anos do Centro de Artes e Letras (CAL), da UFSM. Exposição das obras do acervo do CAL na Sala Claudio Carriconde, UFSM, Santa Maria, RS.

1982

Mostra coletiva do acervo na Sala de Exposições da UFSM, Santa Maria, RS.

Exposição individual de pinturas na Galeria de Arte do Clube do Comércio, Porto Alegre, RS.

1986

Exposição individual na galeria Arte&Fato, Porto Alegre, RS.

1993

Aposenta-se da UFRGS.

Exposição individual “A lua” com guaches na Galeria de Arte Mosaico, Porto Alegre, RS.

2004

Exposição individual “Vivências da natureza” no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

2007

Exposição individual Pinacoteca Aldo Locatelli, Prefeitura de Porto Alegre, RS.

2011

Retrospectiva do artista com curadoria de Lia Achutti na Universidade Franciscana – UNIFRA, Santa Maria, RS.

Ganha prêmio por trajetória no Prêmio Açorianos de Porto Alegre, RS.

Exposição coletiva “Labirintos da iconografia” no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

Exposição coletiva “Das belas artes às artes visuais” no Museu de Arte de Santa Maria – MASM, Santa Maria, RS.

2013

Exposição coletiva “50 anos CAL” no Museu de Arte de Santa Maria – MASM, Santa Maria, RS.

2014

Exposição coletiva “Distrações da memória: o museu como modo de rever o mundo” no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

2016

Exposição coletiva “A tapeçaria artística em Santa Maria” na Sala Claudio Carriconde, CAL/UFSM, Santa Maria, RS.

Falece em Porto Alegre, no dia 8 de junho, aos 81 anos, em decorrência de um atropelamento na Avenida Farrapos.

2017

Exposição coletiva “O legado artístico de ex-professores da UFSM” na Associação dos Professores Universitários de Santa Maria, RS.

2019

Exposição coletiva “Acervo em movimento” no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

2021

Exposição individual “Vigiai e orai – O vazio de quem parte” no Museu de Arte de Santa Maria – MASM, Santa Maria, RS.

Exposição individual “Yeddo Titze – Meu jardim imaginário”, curadoria Paulo Gomes e Carolina Grippa, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

2022

13ª Bienal do Mercosul, curadoria Marcello Dantas, no programa “Acervo em movimento” do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Porto Alegre, RS.

SEÇÃO BIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

universidade federal de santa maria
centro de artes
aliança francesa de porto alegre
secretaria municipal de educação e cultura de porto alegre

batik

teatro de câmara de porto alegre
22 de outubro de 1973

berenice gorini rodrigues
1934 — Curso de Artes Plásticas — Escola de Artes do UFRGS
1958 — Secretaria de Educação, Fundação de Artes, Secretaria Municipal de Porto Alegre
1960 — Centro de Estudos Plásticos para o ensino de Artes, Fundação de Artes, Secretaria de Educação, Prefeitura de Porto Alegre

ivandira dotto saldanha
1939 — Curso de Licenciatura em Educação e Artes Plásticas — Escola de Artes do UFRGS
1960 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1961 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1962 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1963 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS

luz gonzaga gomes
1935 — Curso de Artes Plásticas — Escola de Artes do UFRGS
1958 — Secretaria de Educação, Fundação de Artes, Secretaria Municipal de Porto Alegre
1960 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1961 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1962 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS
1963 — Escola de Artes Plásticas do UFRGS

pedro roqueira litze
1930 — Curso de Artes Plásticas — Escola de Artes do UFRGS
1958 — Secretaria de Educação, Fundação de Artes, Secretaria Municipal de Porto Alegre
1960 — Centro de Estudos Plásticos para o ensino de Artes, Fundação de Artes, Secretaria de Educação, Prefeitura de Porto Alegre

carlos cavalcanti
A nota moderna desta exposição é a predominância das artes decorativas. Em outras palavras: artes aplicadas a. Estabilidade industrial, estudos na peça única, economia de serem produzidas e comercializadas em massa. Dissociação, acima de tudo, de dados lúricos — o nervo, o sangue, a alma, o forte marxista da beleza na sociedade tecnológica e alienada em que estamos vivendo, ainda que profetize sua queda ou substituição.

carlos cavalcanti
Os resultados obtidos na criativa pintura abstrata, neste a história espacial do Batik, talvez por si mesmos, são esplêndidos. De qualquer ponto de vista que se considere, da concepção, da forma, do uso, da possibilidade de se se utilizar como padrões para estamparia industrial, de uso em casa para tinta para decoração ou mesmo como peça de vestuário ou ainda como simples lâmina para confecção de roupas, são de uma extraordinária originalidade. São por si mesmos obras de arte que se aproximam mais facilmente, demonstrando a forte cultura da imaginação brasileira, que têm potuto ser aproveitadas como um dia seria qualquer produção. Por isso acreditamos que a realização de exposições como esta, sejam importantes a elevação daqueles que no industrial e no comércio, sejam capazes de compreender as vantagens de aproveitar uma capacidade nacional até aqui ignorada em favor de uma cara importação de obras estrangeiras.

carlos scariaci

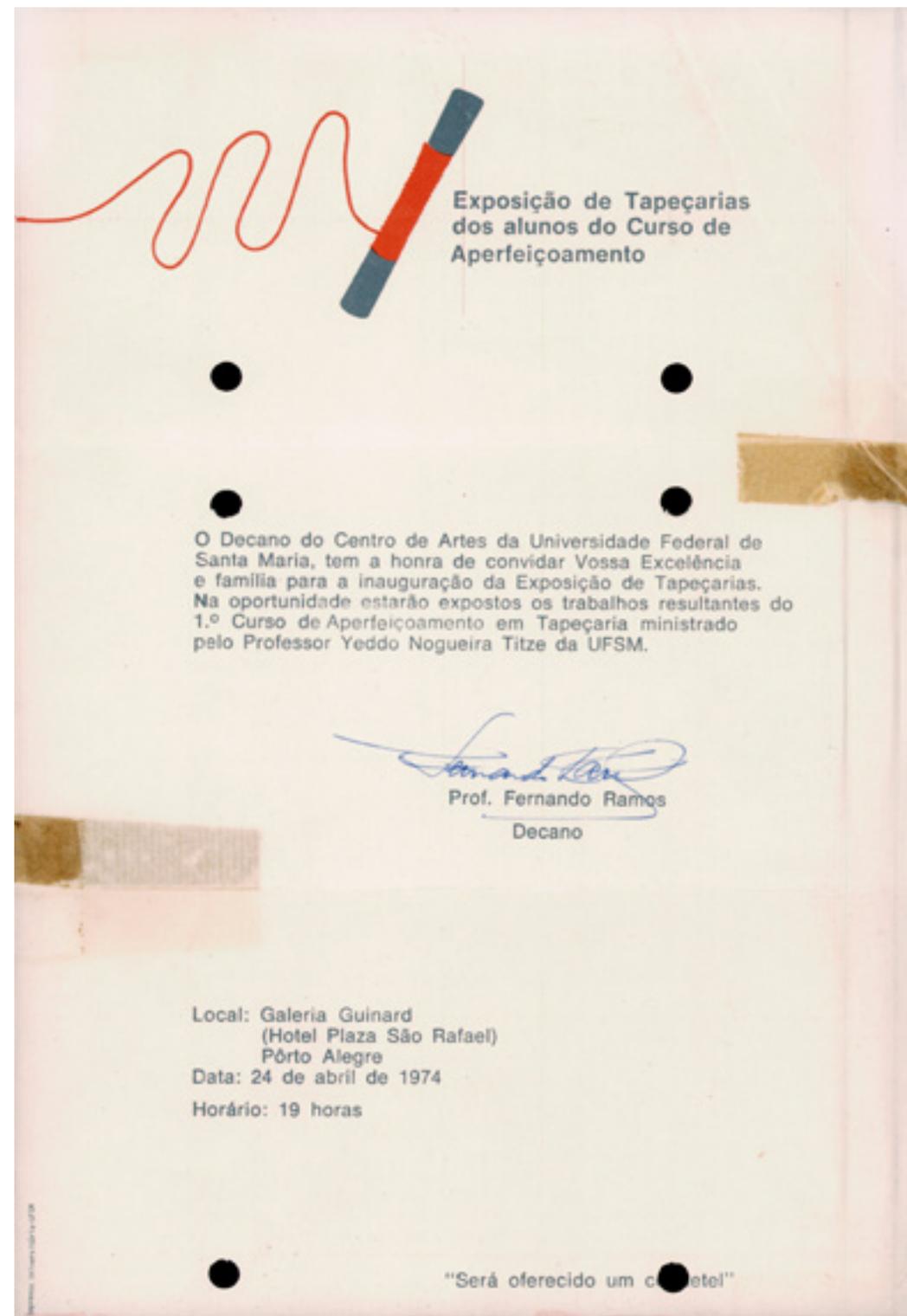


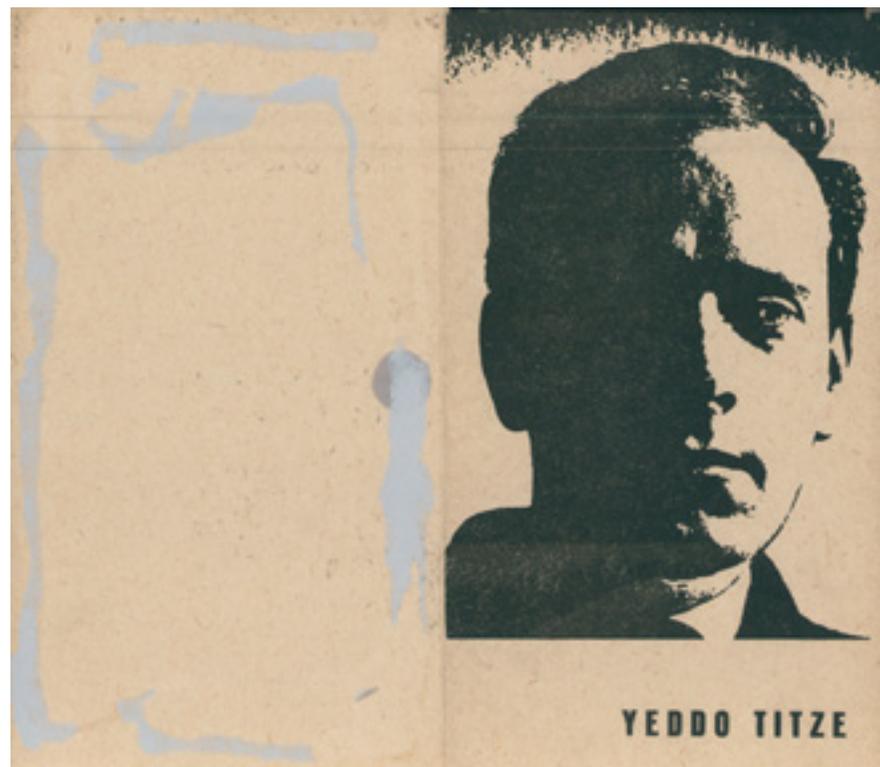
Material gráfico da mostra “Batik”, realizada no Teatro de Câmara de Porto Alegre, em 1973



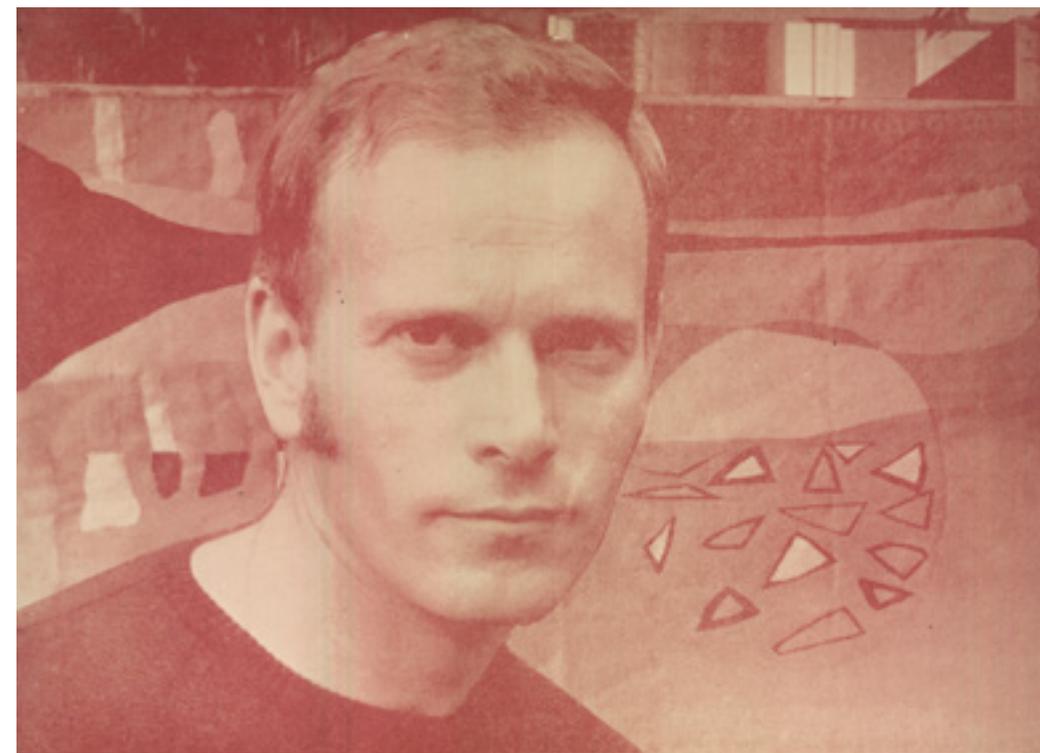


Convite da exposição coletiva de tapeçarias de alunos do 1º Curso de Aperfeiçoamento em Tapeçaria, realizada na Galeria da Escola de Artes da UFRGS, em 1974





Material gráfico de exposição de pinturas e colagens na Aliança Francesa de Porto Alegre, em 1965



Material gráfico de exposição no Instituto de Arquitetos do Brasil, em Porto Alegre, em 1969

Com os cumprimentos de Felício
 Doação ao Prof Aldo Olivieri
 Maio 1992

MUSEU DE ARTE DO RGS
 BIBLIOTECA

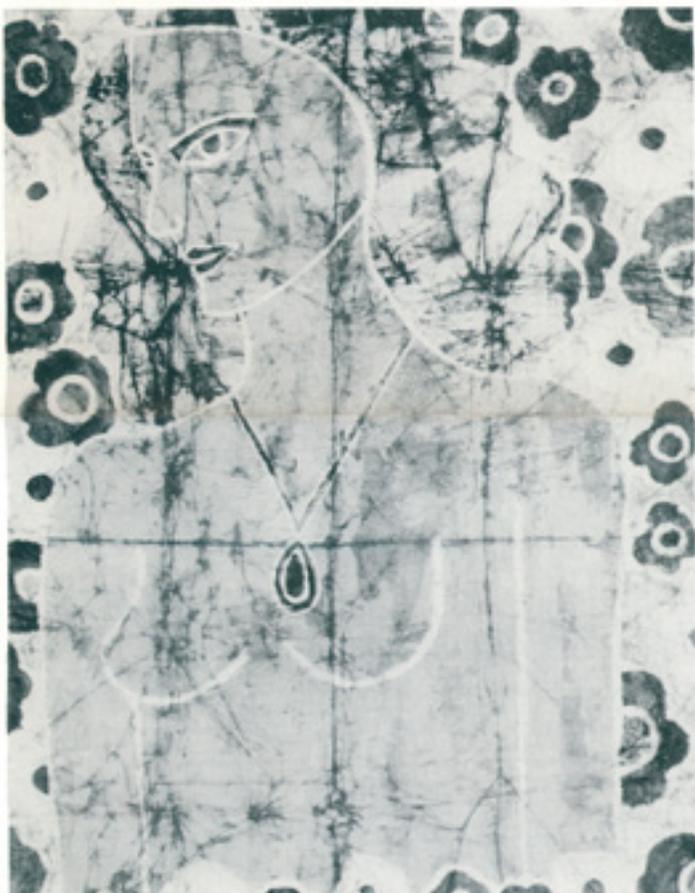


Ministério de Educação e Cultura
 Fundação Nacional de Arte
 Instituto Nacional de Artes Plásticas

Rua Araújo Porto Alegre, 80
 20000 - Rio de Janeiro - RJ

Galeria Funarte Sergio Millet

Yeddo Titze - Batiques



exposição
 13 a 26 de
 setembro de 1978

inauguração
 dia 13 às 18 horas

Material gráfico de exposição individual de batique na Galeria Funarte Sérgio Millet, em Brasília, em 1978

Yeddo Titze



Conheci Yeddo Titze quando tirava das cores uns pássaros entre clarões da flor. E enquanto o observava, o canto de um pássaro ondulava o pano e aderiu ao gesto que o criava. Os batiques de Yeddo exalam sonho de olhares, eles se pronunciam em asas vegetais que se abrem, curvas que margeiam figuras de mulheres com seus cabelos em cursos de rio e de águas, e colares - código indecifrado na memória - que as prendem ao vó que contorna seus pescoços. Azorin em seu livro *El escritor* diz: "tudo o que na arte se faça sem meditação será coisa de primeiro plano: faltará a perspectiva espiritual, essa segura realidade que, por sua vez, faz meditar o leitor de um livro ou o contemplador de

um quadro". Minha atitude frente aos batiques que compõem a Galeria FUNARTE Sérgio Millet é a de dizer dos desvios do ver e do sentir, a mesma tão profundamente expressa por Azorin. O que procuro e percebo em forma de minha natureza, frente à natureza revelada nesses batiques, traduz-se pela linguagem das palavras, as de assombro, as que minero da contemplação, mineira visão. Pássaros, flores, ramos, figuras de mulheres são signos icônicos de um universo que se reparte e faisca em semiquietude. Entro, indefesa mas lúcida, na exposição de Yeddo como seu primeiro habitante.

Lina Tâmega del Peloso
 Agosto de 78

Individuais

- 1957 Estudos a óleo e desenhos - Biblioteca Municipal de Santo Ângelo, RS
- 1962 Pinturas - Galeria de Arte - P. Alegre, RS
- 1965 Colagens - Aliança Francesa - P. Alegre, RS
- 1966 Tapeçarias - Aliança Francesa - P. Alegre, RS
- 1967 Tapeçarias - Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS
- Tapeçarias - Piccola Galeria da Embaixada Italiana - RJ
- 1969 Pin ras - Aliança Francesa - P. Alegre, RS
- 1972 Projetos de Tapeçarias - Galeria de Arte do DCE da UFSanta Maria, RS
- 1976 Batiques - Associação Santanense Pró Ensino Superior - Santana do Livramento, RS

Coletivas

- 1959 Pinturas - Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre, RS
- 1.º Salão de Artes Plásticas da Associação dos Ex-Alunos - P. Alegre, RS
- 6.º Salão Câmara Municipal de Porto Alegre, RS
- 1961 Exposition des Boursiers Étrangers du Gouvernement Français - Paris, França
- 1969 Tapeçarias - Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Santa Maria, RS
- 1970 1.º Salão de Artes Visuais - UFGS - P. Alegre, RS
- Exposição "O Rosto e a Obra" - Galeria do IBEU - Artistas Gaúchos em Brasília, DF
- 1971 Batiques - Galeria Montmartre, RJ
- 1972 Batiques - Museu Nacional de Belas Artes, RJ
- 1973 Tapeçarias - Museu Nacional de Belas Artes, RJ
- Batiques - Teatro de Câmara de Porto Alegre, RS
- 1974 Tapeçarias - Galeria Guignard do Hotel Plaza São Rafael - P. Alegre, RS
- 1975 3.º Salão de Artes Visuais - UFRS - P. Alegre, RS
- 1.º Encontro de Tapeçarias - Museu de Arte Moderna de São Paulo
- 1977 Primer Encontro Argentino-Brasileño-Uruguayo del Tapiz - Fundación Lorenzutti - Buenos Aires, Argentina

Premiações

- Menção Honrosa no XI Salão Oficial da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, P. Alegre, RS
- Prêmio LEMAC, 1.º Salão de Artes Plásticas da Associação Cultural dos Ex-Alunos do IBA-RS, P. Alegre
- Prêmio Caixa Econômica Federal, IX Salão de Artes Plásticas do IBA-RS, P. Alegre
- Prêmio Tapeçaria no I Salão Nacional de Artes Visuais da UFRS, P. Alegre
- Prêmio Menção Honrosa Especial do júri no I Salão Nacional de Tapeçaria - Fundação Alvarez Penteado, SP
- Medalha recebida no I Encontro de Tapeçaria Brasil-Uruguai-Montevidéo







Yeddo Titze e suas alunas, sem data

Acontece

O jardim imaginário de Titze no Margs

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Praça da Alfândega, s/nº) abre hoje, às 19h, uma exposição composta por 50 guaches sobre papel de Yeddo Titze, com curadoria da professora Maria Eunice Gavioli. *Vivências da Natureza*, que permanece na galeria Iberê Camargo até 27 de junho, podendo ser visitada de terças a domingos, das 10h às 19h, é formada pelo trabalho recente do artista plástico gaúcho. Titze também participa de um encontro com o público, às 18h do dia 16 de junho, no auditório do Margs.

As obras propõem uma aventura das cores, utilizadas em composições de flores e paisagens. Esses "jardins imaginários" foram confeccionados em papel canson que, ao receber um banho de água e tinta, registraram livremente combinações, tons, manchas e figuras humanas. Titze, professor de pintura nasceu em Santana do Livramento, estudou na França e fundou o Núcleo Ocupacional da Gama e o Grupo Triângulo (1958).



Jornal do Comércio, 03.06.2004



Cartão da exposição individual "Vivências da natureza" no MARGS, em 2004

EXPOSIÇÃO

A "aventura das cores", como bem descreveu crítico Armindo Trevisan, sempre foi o norte do processo criativo de Yeddo Titze. Diariamente, no ateliê da avenida Farrapos, o artista trabalha naquilo que define como um jardim imaginário; sua natureza, suas flores, a figura humana, o encontro fortuito das manchas aguadas no papel. Titze é professor aposentado do Instituto de Artes da UFRGS. Ali deixou uma marca visível, influenciando uma geração de artistas naquilo que mais preza: o domínio e o uso adequado da cor. Entre 3 e 27 de junho, Titze mostra, no MARGS, 50 pinturas em guache sobre papel realizadas nos últimos três anos. A curadoria é de Maria Eunice Gavioli.

A propósito da retina

Yeddo Titze retorna ao campo artístico milímetro, agora no MARGS, para mostrar sua produção pictórica dos últimos três anos de atividades.

Como de costume, trabalha o guache sobre suportes variados e tem por motivação seu universo de sempre: a natureza. Yeddo, mais uma vez, vem renovar a atitude que sempre o caracterizou, usando da tinta e desta tinta para formular seu incansável projeto de poética. O guache sempre foi, para ele, mais do que um material e técnica. É o meio através do qual pode esboçar e registrar o mundo, sua pulsão visual, seu respiro e seu suspiro.

Desde o início de sua carreira de artista plástico (IBA, POA, 1955) e posteriormente de professor universitário, Yeddo faz apologia da pura pintura que tem a cor como suporte, alinhando-se a uma nitida tradição moderna de pegada forte, não profusa. Desde cedo (Grupo Triângulo, POA, 1959), supera a visão romântica de fundo, entendida no meio artístico local como um existencialismo expressionista calcado na deformação, para apostar na investigação da cor, na função plástica-construtiva da cor como *potencia-plano*. Assim, seu léxico visual travando o dualismo entre sensorialidade e construção, fora do equilíbrio ou simetria tradicionalmente em uso. A cor agora é entendida como sucessivas adições justapostas a uma estrutura, entre a se confrontar, acenar e rebater, entre si num contínuo visual de novas possibilidades (passo a frente à pintura impressionista), incluindo esta cor a sua plenitude de retina máxima a organizar a visão.

Na verdade, o que Yeddo busca sempre, de mãos dadas com o *fascínio* e no encontro desta retina máxima, é a estrutura autônoma e auto-suficiente do quadro como uma realidade em si mesma que congrega a unidade do objeto e do sujeito, celebrando, então, a um tempo, o impulso vital (Bergson), o ato gratuito (Gide) – *estético* e *hedonista* – e *de jogo de estar* (Marin, 1905) como achados, consciência e infraestrutura capital no pensamento plástico de uma época. Esses elementos viriam a compor os novos códigos visuais mais arrojados entre nós, e assim atualizaram os primeiros passos de uma modernidade incipiente no Rio Grande do Sul nos anos 50.



É também mérito de Yeddo, a busca de referências formais abstratas e a liberação da forma-em-si, assim como sua divulgação (Abstração, Porto/POA, 1960) que encontra depois, no Atelier Livre de Ibert Camargo (POA, 1960), a efetiva compreensão do concreto e da prática da *pintura pura* entre pintores sulinos jovens, então em ascensão.

Como professor, também utiliza esta determinação ao longo de sua convivência com o ensino de mestre, antes na UFSM, 1963, passando pela UnB, 1970, e finalmente como professor titular de Pintura no curso IA-UFRGS, desde 1980. Nesse local, por longos anos, soube imprimir nos alunos esta sua marca registrada, ou seja, o adequando ao da cor – às vezes luz, comentário, ou mesmo conceito – da cor em ação como a interrogação Lucia Koch, Paula Mattarozzi, Marilice Corvoa, Eduardo Vieira da Cunha, entre outros, espécie de desdobramento de seu desejo: apostado, atado e separado.

Hoje, na presente exposição (MARGS, 2004), consciente de tudo que o cerca, Yeddo segue sendo um pintor, aquele pintor. Segue exercitando diariamente, com a obstinação dos compulsivos, seu labor de pintor e sua

produção pictórica – categoria como a cultura mais do ar do que do solo. Ou ambos para ele.

Esta insistência, vejamos bem, parece nos propor um questionamento desde seu ponto de vista (língua), já que permanece fiel à primeira máxima (fazer mais) de ser a arte um *adorno* à vida, jorro de prazer via olhar e pontos final. Ou seja, esta pintura permanece viva a experiência fundadora. Água de origem, a técnica a guache como poética ainda é capaz de capturar o *essence* do mundo em estado puro, sem artificios formais reflexivos além de si próprio, dentro e fora da história (a caracterizar também artistas locais marginais ou experientes de curso fortemente individual como Ibert ou Basquiat). Parece possuir, como preservar esta substância – *retina máxima* – da *pintura-em-si*, em busca de anulação, sem arrastar ou misturar o *rio da cor*? Como articular diálogos plásticos em diagonal e extra-línguas, se tão obstinosa o *fundo all over* na tela plana daquilo que lhe é mais caro, seu culto e sua crença, a pura sensorialidade do *estar* no mundo – pessoal e plástico visual – que si se concretiza?

Não busquemos, na arte de Yeddo, códigos além, conexões conceituais ou

MARGS

imaculada de Yeddo Titze

inquirições que vem permitindo a pintura hoje voltar ao mais *essence* das atenções dos grandes eventos como Bienais, Documentos ou exposições atualizadas.

Sabemos bem que a pintura como categoria maior – de Giotto a Pollock – nada mais fez que desdobrar organicamente o específico de sua linguagem até a final depuração, na evidência do gesto-ato. Daí para a frente – caminhada por seus laços, oblíquos e intrínsecos – é preciso à produção pictórica que comporte todas as flutuações por fios, véios, instâncias, experimentações, composições e *empresas* expostas. Para voltar a ganhar fôlego, hoje se lhe propõe desde dentro um complexo questionamento, a fim de evidenciar e ampliar o modo de como é encarada, em nossa cultura. De forma crítica e insistente, "uma linguagem estranha", como quer Gerard Hemsworth (Londres, Brasil, 2002). Ou, sob este mesmo período e de forma também emblemática, como solicita Alison Hug (Alemanha, Brasil, 2003), a fim de que ela, a pintura, renasça uma segunda vez na Bienal de São Paulo de 2004.

Para tanto, é necessário contemplarmos as diferentes equações em relação à imagem pictórica, nos alinhando às questões que é submetida a visualidade, mantendo quase um ato de espontaneidade. Desta forma o sentido passa a possuir o olho, e não ao contrário, quando da total auto-suficiência da imagem pictórica como quer Yeddo Titze – o olho possuindo o sentido.

Da mesma parte de *telégrafos* de arte, nos entusiasmamos com as proposições que existem e persistem no vivermos do *rumor* insaciável da crítica constante que, afinal de contas, move a *estética* e a *história* em busca novas coisas que renovem sempre aquele sentido.

Da parte de Yeddo, ele vê e cria, cria e vê e é um vencedor. Sugierimos que sua pintura seja vista, lida e fruída com a mesma disposição que é produzida; como *reflexo* da *paixão* e do *puro pensar* (matriciano) do olhar e do *sentir*.

Como nos é proposto ainda, aproveitamos a retina direta, a retina imaculada de Yeddo Titze, antes que ela venha a se tornar *metalinguagem*.

Marilice Paz
técnica e crítica de artes visuais

Yeddo Titze,
Pintura Abstrata,
guache sobre papel,
Foco de Luz em Solução

MARGS

Diário 2
 DIVERSÃO & ARTE
 SANTA MARIA
 QUARTA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 2011

ARTISTAS GAÚCHOS EM PRÊMIO NACIONAL DE MÚSICA
 Página 3

É emocionante rever quadros que há 20 ou 30 anos eu não via". A fala é do artista Yeddo Titze, 76 anos, um dos ícones da arte moderna gaúcha, diante da montagem da exposição com suas obras na Sala de Exposições Angélica Stefanini, na Unifra.

Para o artista, a exposição é como uma retrospectiva, já que todas as pinturas (com exceção de uma) e peças de tapeçaria foram produzidas nas décadas de 60 e 70, durante sua estada em Santa Maria.

São obras que faz antes de me mudar para Porto Alegre, no início dos anos 80, quando fui professor no Centro de Artes na UFSM. É uma forte emoção rever e perceber as variações, a distribuição dos elementos, a escolha das cores comparado com o que faço hoje. Obstando, penso: "Meu Deus! Eu fazia isso!" ou "Como era bom e hoje faço diferente" (risos) - conta o artista.

A mostra tem a curadoria de Lia Schubert, também ex-professora de artes da UFSM. É ela quem explica a emoção do reencontro do artista com suas obras, pois a exposição traz trabalhos que hoje estão em acervos e com colecionadores de Santa Maria.

A mostra tem quadros que foram adquiridos por santa-marienses na década de 80. Alguns são do acervo do Museu de Arte de Santa Maria (Masm). Na universidade, ele foi pioneiro com trabalhos em tecido. Ele tem um olhar aguçado e se dedica à observação. Na tapeçaria e na pintura, ele faz como ele sente o que vê.

A natureza é um tema sempre presente

nas obras de Titze. Mesmo quando a pintora traz figuras humanas, as flores estão presentes. Já o elemento água permanece desde a concepção.

Cada artista tem seu tema preferido. Eu aprecio a natureza, as paisagens e as flores. Nos meus quadros, uso pigmentos solúveis em água, como aquarela, sêmpere e gouache. Com a presença da água, consigo o pigmento que eu quero - explica Yeddo.

Trajetória - Natural de Santana do Livramento, Yeddo estudou na Capital, no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Segundo Lia, a trajetória do artista demonstrava uma visão arcaica.

Na década de 60, ele foi duas vezes à França estudando com bolsa do governo. Lá, aperfeiçoou sua pintura e estudou na escola de artes e decoração de Paris, onde aprendeu mais sobre a tapeçaria.

Por mais que a idade avance, Yeddo não deixa de expressar seu talento sem si. Sua produção ganha exposições em galerias de todo o país, como no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margo) e no Ministério da Cultura (Brasília). Há obras de Yeddo que já atravessaram as fronteiras brasileiras. Também, tem peças de tapeçaria expostas em um museu de Paris. Os Estados Unidos já receberam obras do autor, em uma mostra coletiva de artistas brasileiros, em Nova York.

Foto diariamente. Preciso ligares, como o Parque da Redenção (em Porto Alegre), que me transmite emoção. Levo para casa a memória visual e pinto o que me emociona - finaliza o artista.

Editor: Francine Dalcol • 3208.1872
Francine.dalcol@diariomsm.com.br

EM DESTAQUE
 ■ **Obj:** exposição de obras de Yeddo Titze
 ■ **Quando:** de seg a seg, das 14h às 17h30min, até 25 de julho
 ■ **Onde:** Sala de Exposições Angélica Stefanini, na Unifra (Rua Jardim, 1.179) Fone: 551 3205-1202
 ■ **Quanto:** grátis

MAIS
Prêmio
 Em maio, Yeddo Titze ganhou reconhecimento na categoria Prêmio Especial do XXI de 17 Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, em Porto Alegre.

A arte do reencontro

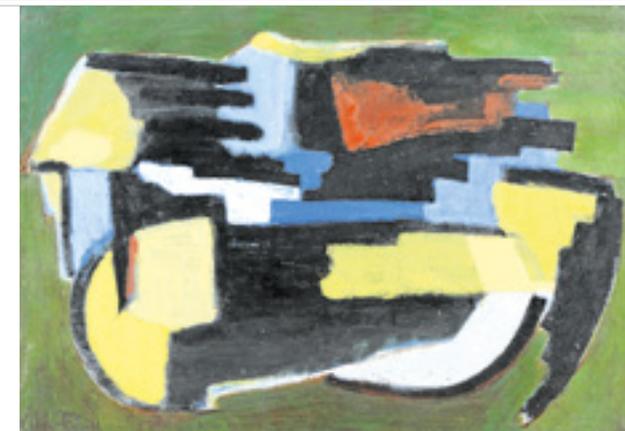
O gaúcho Yeddo Titze ganha exposição com obras pertencentes a acervos e colecionadores de Santa Maria

FRANCISCO DALCOL
 Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte

arte

Em memória de YEDDO

DIRETOR-CURADOR DO MARGS PRESTA HOMENAGEM A YEDDO TITZE, ARTISTA E PROFESSOR MORTO HÁ CINCO ANOS – EM EPISÓDIO TRÁGICO, QUE ENVOLVEU ALUNOS E ADMIRADORES – E QUE AGORA GANHA EXPOSIÇÃO NO MUSEU



CORES

"Abstrato", óleo sobre tela, 64x92 cm, 1961. No detalhe, abaixo, o artista

Yeddo Titze (1935-2016) integra uma geração de artistas responsável pela fixação e desdobramentos da arte moderna na produção sul-rio-grandense. Além de professor universitário, notabilizou-se em nossa história da arte como um dos pioneiros da tapeçaria, uma referência da arte têxtil, sendo reconhecido nacional e internacionalmente.



Mas foi também e em grande parte à pintura que Yeddo dedicou sua atuação docente e a própria produção, tendo sido um dos primeiros a explorar a abstração no Rio Grande do Sul, ao lado de artistas como Rubens Cabral, Nelson Wiegert e Carlos Petrucci. Era um passo ousado, uma vez que a introdução da pintura abstrata foi repelida pelo cenário então conservador do Estado, que se entendia resistindo à invasão de uma tendência internacional descomprometida politicamente e capaz de corromper os valores de uma arte vigente de caráter figurativo e viés nacional-regionalista.

Nascido em Santana do Livramento, Yeddo estudou no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, atual Instituto de Artes da UFRGS. Assim como muitos artistas gaúchos de sua geração, viajou à Europa em temporada de estudos, tendo vivido entre 1960 e 1962 na França, onde recebeu lições de André Lhote e Marcel Gromaire. No final da mesma década, voltaria a Paris, desta vez para estudar tapeçaria.

Participou de exposições e salões no Brasil e fora do país. Foi responsável pelo Setor de Artes Plásticas na Funarte em Brasília de 1976 a 1979. E depois do período de aulas na UFSM entre 1964 e 1980 – onde constituiu um ponto de referência da arte têxtil –, lecionou na UFRGS como professor de pintura entre 1980 e 1993.

Reconhecido pela importância de sua atuação e trajetória, Yeddo morreu em 2016, aos 81 anos, protagonizando um triste epítáfio. À época atuando em ZH como jornalista setorial de artes visuais, teve envolvimento profissional e mesmo pessoal com o episódio. Em 16 de junho de 2016, quase saindo da redação do jornal ao final de um dia de trabalho, recebeu um telefonema (não lembro de quem, espero que esteja lendo) comentando que Yeddo estava prestes a ser enterrado como indigente. Surpreendido pelo relato e diante de fato jornalístico a ser checado, passei a fazer ligações para apurar as informações. E o acontecimento era trágico: depois de sofrer um atropelamento na Avenida Farrapos, Yeddo fora levado ferido ao hospital e lá ficou internado. Mas não resistiu ao coma, vindo a falecer em alguns dias. Seu corpo foi então encaminhado ao Instituto Médico Legal, onde aguardava

em uma câmara fria a liberação que só poderia ocorrer por meio de familiares em primeiro grau. Yeddo não tinha filhos e vivia sozinho em Porto Alegre havia mais de 20 anos. Com a publicação da reportagem, o assunto veio a conhecimento público e gerou repercussão, mobilizando antigos alunos e colegas, familiares de quem havia se distanciado e o Instituto de Artes da UFRGS. E assim conseguiu-se contornar o impasse, oferecendo a ele um funeral digno.

Em 2019, quando assumi o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) como diretor-curador, cheguei com o propósito de realizar um projeto em memória a Yeddo. Estabeleci interlocução com familiares (Rosa e Diogo Ribeiro Demartini), que manifestaram a disposição em destinar para o acervo do museu obras que o artista havia deixado. Nessa tratativa, incentivei também que doações fossem feitas a outros acervos públicos.

À época, considerava que a circunstância permitiria realizar uma exposição em homenagem póstuma a Yeddo. E é assim que o Margs agora apresenta *Yeddo Titze - Meu Jardim Imaginário*, que presta uma homenagem ao artista e professor, procurando oferecer um justo e necessário resgate em sua memória.

A mostra integra o programa expositivo do Margs intitulado *Histórias Ausentes*, voltado a projetos de resgate, memória

e revisão histórica, tendo por objetivo conferir visibilidade e legibilidade a trajetórias e atuações artísticas.

Reunindo obras de Yeddo pertencentes às coleções do Margs, da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS), da Pinacoteca Aldo Locatelli (prefeitura de Porto Alegre) e também da família, a exposição organizada pelos curadores convidados Paulo Gomes e Carolina Grippa apresenta mais de 40 trabalhos das décadas de 1950 a 2010, abrangendo desde o início de sua formação até os últimos anos de produção.

Essa união de esforços entre Margs e as demais instituições e profissionais envolvidos na homenagem a Yeddo convida também a valorizarmos as políticas de aquisição de nossos acervos públicos, celebrando essa importante doação por parte da família e conferindo a oportuna e devida solenidade frente à consciência e ao gesto em nome da obra e memória do grande mestre e artista.

A EXPOSIÇÃO

Yeddo Titze - Meu Jardim Imaginário

Obras do artista pertencentes a quatro acervos. Curadoria: Carolina Grippa e Paulo Gomes. Na Galeria Iberê Camargo e na Sala Oscar Boeira, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Margs (Praça da Alfândega, s/nº, em Porto Alegre). Visitação de terça a domingo, 10h às 19h. Gratuito. Até 28/11.

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Pesquisador, crítico, historiador da arte, curador, jornalista e editor. Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio de doutoramento pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Sua pesquisa de doutorado trata das interseções entre crítica de arte, exposição e curadoria, tendo defendido em 2018 a tese intitulada “A curadoria de exposição enquanto espaço de crítica: a constituição de um campo de prática e pensamento em curadoria no Brasil (anos 1960-1980)”. Professor-colaborador do curso de especialização (*lato sensu*) Práticas Curatoriais, do Instituto de Artes da UFRGS. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Em 2019, foi agraciado com o prêmio de Curadoria no Açorianos de Artes Plásticas, da Prefeitura de Porto Alegre. Em 2016, ganhou a 1ª menção honorífica no Incentive Prize for Young Critics, concedido pela AICA. Entre 2012 e 2016, foi editor e crítico de arte do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS). Além de se dedicar à investigação teórica e histórica sobre estudos expositivos, curatoriais e história das exposições, sua atuação curatorial envolve projetos com artistas históricos e contemporâneos e com acervos privados e públicos, desenvolvendo exposições individuais e coletivas em museus, instituições e galerias, assim como a editoração de catálogos, livros e publicações de arte.

Paulo Gomes

Professor Associado no Bacharelado em História da Arte na UFRGS e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma instituição. Historiador, curador e crítico de arte. Atua como membro do Comitê de Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli (PMPA) e do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e coordena a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (Instituto de Artes/UFRGS). É membro das seguintes instituições: AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte, ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte, CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte e da ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Dentre suas publicações, destacam-se: “MARGS 50 anos” (2005), “Artes plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica” (2007), “Pedro Weingärtner: obra gráfica” (2008), “100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS” (2012), “Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: catálogo geral 1910-2014” (2015), “Zoravia Bettiol: o lírico e o onírico” (2016), com Paula Ramos.

Carolina Bouvie Grippa

Mestra em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS), bacharela em História da Arte (UFRGS) e em Moda (Universidade Feevale). Desde 2017, pesquisa sobre tapeçaria brasileira, com foco na produção do Rio Grande do Sul. Desenvolve trabalhos em curadoria, como as mostras que realizou juntamente com Caroline Hädrich: “Influências da arte pop em acervos de Poa”, no MARGS (2018), pela qual receberam o Prêmio Açorianos 2019 na categoria “Difusão de acervos”; e “Os quatro – Grupo de Bagé”, na Fundação Iberê Camargo (2019). Também atua na produção cultural, sendo produtora da 12ª e 13ª Bienal do Mercosul.

EXPOSIÇÃO

“Yeddo Titze – Meu jardim imaginário”

04.09.2021 a 28.11.2021

Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
Galeria Iberê Camargo e sala Oscar Boeira

Curadoria

Paulo Gomes e Carolina Bouvie Grippa

Supervisão

Francisco Dalcol

Produção e coordenação de montagem

Fernanda Medeiros e José Eckert

CATÁLOGO

Lançado em 2022

Editor

Francisco Dalcol

Coordenação editorial

Cristina Barros

Produção editorial e revisão

Carla Batista, Cristina Barros,
Fernanda Medeiros, Natália Lehmen
de Moraes e Raul Holtz

Textos

Adriana Boff, Carolina Bouvie Grippa,
Flávio Krawczyk, Francisco Dalcol,
Paulo Gomes e Yeddo Titze

Projeto gráfico

Artur Dornelles Ferreira e
Leonardo Pissetti

Tratamento de imagem

Anderson Astor

Comunicação visual

Leonardo Pissetti

Equipe de montagem

Estrutuart

Créditos das imagens

© Anderson Astor (exceto as abaixo indicadas)
© Armando Bondarenko, Arquivo Fotográfico
UFSM – Departamento de Arquivo Geral (pp.
82a)
© Eduardo Vieira da Cunha (pp. 86-87, 88)
© Fábio Del Ré e Carlos Stein – Viva Foto (pp.
64a, 64b, 82b)
© Fernando Zago – Studio Z (pp. 71f)
© Leopoldo Plentz (pp. 71d)
© Nina Sanmartin (pp. 68, 69, 70, 71a, 71b, 71c,
71e, 74-75, 84)
© Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (pp. 72,
73, 81, 83)
© Raul Holtz (64, 64d, 65, 66, 67)
© Reproduções Acervo Documental MARGS
(pp. 9, 50-51, 92-107)

Impressão

Ideograf

Projeto cultural

Plano anual MARGS 2021 & 2022
PRONAC 203582

Administração do projeto

Instituto Cultural Quattro

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Governador

Eduardo Leite (2019-2022)
Ranolfo Vieira Júnior (2022)

Secretária de Estado da Cultura

Beatriz Araujo

Secretária Adjunta da Cultura

Gabriella Meindrad

Diretora de Artes e Economia Criativa

Ana Fagundes

Diretor de Memória e Patrimônio

Eduardo Hahn

Diretora do Instituto Estadual de Artes Visuais – IEAVI

Adriana Boff

Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

Diretor-curador

Francisco Dalcol

Curadora-assistente e coordenadora de operação

Fernanda Medeiros (2019-2022)
Cristina Barros (2022)

Núcleo de Acervos e Pesquisa

Ana Maria Hein
Eneida Michel da Silva
Raul César Holtz Silva – coordenador
Nina Sanmartin – estagiária de História da Arte (UFRGS)

Núcleo Administrativo

Maria Tereza Paes – coordenadora
Fabiana Lima
Natália Lehmen de Moraes

Núcleo de Comunicação e Design

Artur Dornelles Ferreira – estagiário de Artes Visuais (UFRGS)
Cristina Barros – coordenadora

Núcleo de Conservação e Restauro

Loreni Pereira de Paula
Naida Maria Vieira Corrêa – coordenadora

Núcleo de Curadoria

Francisco Dalcol – coordenador
José Eckert
Sandra Vinhales

Núcleo Educativo e de Programa Público

Aline Zimmer – estagiária mestranda em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica (UFRGS)
Amanda Wink Barcellos – estagiária de História da Arte (UFRGS)
Ana Carolina Cecchin Chini – estagiária de Artes Visuais (UERGS)
Carla Batista – coordenadora
Izis Abreu

Comitê de Acervo

Fernanda Medeiros
Flávio Krawczyk
Francisco Dalcol
Igor Simões
Paulo Gomes
Raul Holtz Silva
Vera Chaves Barcellos

Comitê de Curadoria

Ana Albani de Carvalho
Carla Batista
Eduardo Veras
Fernanda Medeiros
Francisco Dalcol
Izis Abreu
Munir Klamt
Paulo Miyada

Equipe de serviços gerais

Claudia Rosangela Gomes Escobar
Gisele Soares de Lima
Maria Neli Andrade Hilario
Nelci Anschau

Equipe de segurança

José Antônio da Silva Alves (supervisor)
Alexandre da Silva Fão
Denise Lopes Porto
Gilda Teresinha Oliveira Teixeira
Lucelena da Cunha Santos
Marcio de Oliveira da Rosa
Saimon Silva da Costa
Renata Pereira Mendes
Vander de Menezes
José Vilnei Moraes Luiz (supervisor)
Dene de Avila Ribeiro
Domingos Rogério Baes Demutti
Jean Carlos Dias Paiz
Josiane Pinheiro Gonçalves
Wanessa Eccel Santos
Vitor Douglas da Rosa Pereira
Wagner Pereira da Silva

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – AAMARGS

Presidente

Maria Regina de Souza Lisboa

Vice-presidente

Arnoldo Walter Doberstein

1ª Tesoureira

Ilita da Rocha Patricio

2ª Tesoureira

Nilo Sergio Vargas Montardo

1ª Secretária

Reny Elizabeth de Araújo
Ramacciotti

2ª Secretária

Dirce Zalewski

Conselho Fiscal

Carmen Rabeno Fasolo
Carlos Carrion de Britto Velho
Iara Iris Borne Nunnenkamp
Francisco Dalcol

Assistente administrativo

Alexandre Borges Silva

Museu de Arte do Rio Grande do Sul | MARGS

Praça da Alfândega, s/nº
Centro Histórico
Porto Alegre | RS
90010-150 | Brasil
Terça-feira a domingo
10h às 19h
Entrada gratuita
margs.rs.gov.br
[f](https://www.facebook.com/museumargs) [i](https://www.instagram.com/museumargs) /museumargs

ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul | AAMARGS
margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo do MARGS acolhe grupos para visitas mediadas ou técnicas. Solicitações devem ser enviadas com antecedência para o e-mail educativo@margs.rs.gov.br

CAFÉ

Cafeteria e gastronomia, em um espaço que apresenta eventos artísticos e musicais. Terça a domingo, das 10h às 19h

LIVRARIA E LOJA

Livros e artigos de papelaria, além de materiais para desenho e pintura. Terça a domingo, das 10h às 19h

RESTAURANTE

Bistrô com gastronomia diferenciada, em menu e sugestões do dia. Diariamente, das 11h às 19h (acesso externo ao museu)



São patrocínios, apoios e colaborações que garantem em grande parte a manutenção, a operação e a programação do MARGS. Faça parte também desses esforços e seja mais um dos incentivadores do museu. Doe parte de seu Imposto de Renda devido para o Plano Anual do MARGS pela Lei de Incentivo à Cultura Federal e contribua para a difusão da cultura, da educação e da cidadania.
Informações: aamargs@margs.rs.gov.br e (51) 3211-5736

Famílias tipográficas	Source Sans e Times New Roman
Papéis	Couché fosco 150 g/m ² (miolo) e Supremo 250 g/m ² (capa)
Tiragem	300 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

Y37

YEDDO TITZE: meu jardim imaginário. / curadoria de Paulo Gomes e Carolina Grippa. – Porto Alegre: MARGS; SEDAC; AAMARGS, 2022.
111p.; il.

ISBN: 978-65-86257-04-5

1. Yeddo Titze: exposição MARGS: catálogo. 2. Artes Visuais: Yeddo Titze: exposição. I. Gomes, Paulo. II. Grippa, Carolina. III. Museu de Artes do Rio Grande do Sul.

CDU: 73/76 (81) (058)

Bibliotecária responsável: Morganah Marcon CRB10/1024

Todos os direitos reservados

© MARGS © Francisco Dalcol

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. O MARGS agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição, e se compromete a incluí-los em futuras reimpressões.

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

M|A|RGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Praça da Alfândega, s/nº
Centro Histórico | Porto Alegre, RS
90010-150 | Brasil

Terça-feira a domingo, 10h às 19h
Entrada gratuita

 margs.rs.gov.br

  [/museumargs](https://www.facebook.com/museumargs)

ISBN: 978-65-86257-04-5



9 786586 257045